

# **Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses**

**Ana Carolina Leite**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Psicologia Clínica e da Saúde**  
(2<sup>o</sup> ciclo de estudos ou mestrado integrado)

Orientadora: Prof. Doutora Maria da Graça Proença Esgalhado  
Co-orientador: Prof. Doutor Vitor Manuel Valente da Costa

**junho de 2020**

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos  
prisionais portugueses

## **Dedicatória**

À minha família.

O amor que vocês têm por mim é o que me fortalece para lutar e vencer todos os dias!

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos  
prisionais portugueses

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar agradecer a minha mãe por ser fonte inesgotável de doçura e resiliência, ao meu pai e ao meu irmão pelo apoio incondicional na realização dos meus sonhos e em especial aos meus avós, Antônio e Inadina, por serem o meu maior exemplo de luta e coragem. Obrigada por tudo.

As minhas amigas que estão do outro lado do oceano, que me apoiam desde o princípio dessa jornada, que sempre possuem palavras de incentivo e conforto e fazem com que qualquer problema resulte em risos, tornando tudo mais leve. Obrigada por não permitirem que a distância atrapalhasse a nossa amizade.

Agradeço também aos amigos que a Covilhã me presenteou e que nesses últimos dois anos tornaram-se minha família em terras portuguesas. Obrigada por dividirem esse caminho comigo.

A todos os professores que fazem parte da minha trajetória acadêmica e que ajudaram na minha formação. A minha orientadora e co-orientador por todo o apoio na conclusão da dissertação.

Muito Obrigada!

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos  
prisionais portugueses

## Resumo

A dissertação insere-se no projeto de investigação: “Bem-estar e saúde mental em contexto prisional” e tem como objetivo estudar os fatores relacionados à percepção de satisfação e bem-estar dos reclusos em contexto prisional português.

Estudos realizados acerca do contexto prisional indicam que a idade do recluso, a reincidência criminal, relacionamentos, o contato com o meio externo, as atividades na prisão e a percepção de suporte social estão associados a melhor adaptação do recluso à prisão e como consequência, aumentam a satisfação do recluso com o estabelecimento prisional. Como instrumento para coleta de dados, utilizou-se o questionário desenvolvido no contexto de um projeto europeu, “*AWARE: Cross-sectoral awareness building on mental health needs in the criminal justice system and on release*”. Participaram deste estudo 131 reclusos nos estabelecimentos prisionais portugueses, todos do sexo masculino, na maioria portugueses (85,3%) e de idades entre 21 e 68 anos.

Observou-se que 51,5% dos reclusos relatam estar satisfeitos de modo geral com a instituição. Sobre os fatores relacionados à satisfação, a percepção de que os funcionários da prisão se preocupam com o seu bem-estar mostrou-se um preditor significativo da satisfação do recluso com a instituição. A percepção de suporte social também apresentou resultados consideráveis na satisfação com instituição. No que se refere à idade, verificou-se que são os reclusos mais velhos que apresentam maior satisfação com a instituição prisional.

## Palavras-chave

Bem-estar, prisão, percepção de suporte social, satisfação com a prisão.

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos  
prisionais portugueses

## **Abstract**

The dissertation is part of the research project: “Well-being and mental health in a prison context” and aims to study the factors related to the perception of satisfaction and well-being of prisoners in a Portuguese prison context.

Studies carried out on the prison context indicate that the age of the prisoner, criminal recidivism, relationships, contact with the outside environment, activities in prison and the perception of social support are associated with better adaptation of the prisoner to prison and, as a consequence, increase the inmate's satisfaction with the prison establishment. As a tool for data collection, the questionnaire developed in the context of a European project, “AWARE: Cross-sectoral awareness building on mental health needs in the criminal justice system and on release” was used. 131 inmates participated in this study in Portuguese prisons, all male, mostly Portuguese (85.3%) and aged between 21 and 68 years.

It was observed that 51.5% of the prisoners reported being generally satisfied with the institution. Regarding factors related to satisfaction, the perception that prison employees are concerned about their well-being proved to be a significant predictor of the prisoner's satisfaction with the institution. The perception of social support also showed considerable results in satisfaction with the institution. With regard to age, it was found that it is the older inmates who are most satisfied with the prison institution.

## **Keywords**

Well-being, prison, perception of social support, satisfaction with prison.

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos  
prisionais portugueses

## Índice

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos .....	v
Resumo .....	vii
Abstract.....	ix
Lista de Figuras.....	xiv
Lista de Tabelas .....	xvi
Lista de Acrónimos .....	xviii
Capítulo 1 - Introdução .....	1
Capítulo 2 - Fatores relacionados com satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses .....	4
Resumo .....	4
Abstract.....	6
Bem-estar em contexto prisional.....	8
Fatores relacionados com o bem-estar e a satisfação dos reclusos .....	9
Método .....	11
Participantes .....	12
Instrumento e procedimentos .....	14
Resultados.....	16
Discussão .....	18
Conclusão.....	20
Referências Bibliográficas .....	23

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos  
prisionais portugueses

Capítulo 3 - Considerações finais ..... 26

Anexo Teórico ..... 28

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos  
prisionais portugueses

## **Lista de Figuras**

Figura 1- Comparação da satisfação com a instituição entre os grupos etários.....	17
---	----

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos  
prisionais portugueses

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1 – Características dos participantes.....	13
Tabela 2 – Correlação entre as variáveis.....	16
Tabela 3 – Regressão Logística Binária.....	17

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos  
prisionais portugueses

## **Lista de Acrónimos**

DGRSP	Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPP	Ordem dos Psicólogos Portugueses
UBI	Universidade da Beira Interior

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos  
prisionais portugueses

## Capítulo 1 - Introdução

A presente dissertação insere-se no projeto de investigação: “Bem-estar e saúde mental em contexto prisional” e tem como objetivo estudar os fatores relacionados à satisfação dos reclusos em contexto prisional português. Surge no âmbito da conclusão do 2º Ciclo de estudos do Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde e visa evidenciar a aquisição das competências de investigação adquiridas para obter o grau de mestre.

A pesquisa que se apresenta aborda a temática da satisfação do recluso com a instituição e estuda a sua relação com a percepção do recluso sobre a preocupação do *staff* com o seu bem-estar e com a percepção de suporte social. Considerando que o bem-estar compreende a satisfação global das necessidades do indivíduo, e surge relacionado com a qualidade de vida, e que se apresenta-se como uma variável relevante em contexto prisional, face às características deste tipo de instituições, opta-se por abordar este conceito em termos teóricos.

A concepção de bem-estar é bastante ampla e, de forma geral, pode ser compreendida através de dois aspectos no campo psicológico: o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico. O bem-estar subjetivo (ou bem-estar hedônico) advém da perspectiva filosófica do hedonismo o tem como principal característica o estado subjetivo da felicidade. Segundo Diener (2000 cit in Novo, 2005) o bem-estar subjetivo possui como principais indicadores a satisfação com a vida e a felicidade. Considera, portanto, a busca do indivíduo pelo prazer, baseando-se na avaliação pessoal do indivíduo sobre sua satisfação com a vida e a frequência com que experimenta as emoções positivas e negativas no seu cotidiano (Albuquerque & Tróccoli, 2004; Diener, Oishi, & Lucas 2003). O bem-estar psicológico (ou bem-estar eudemônico) tem como fator determinante do bem-estar as potencialidades do indivíduo, tais como suas capacidades de pensamento, bom-senso e raciocínio (Ryan & Deci, 2001 cit. in Siqueira & Padovam, 2008). Também sob a perspectiva da eudaimonia insere-se o bem-estar social, que considera o indivíduo enquanto ser social com responsabilidades e direitos. Esse constructo vai além do âmbito privado e individual, considerando o indivíduo pertencente ao domínio público e que desempenha funções sociais. Neste contexto, busca-se compreender como o indivíduo percebe suas relações com os demais e a satisfação proporcionada por essas relações (Novo, 2005).

Efetivamente, o bem-estar é um conceito de grande importância no que se refere à qualidade de vida de qualquer indivíduo e torna-se um desafio relacionar a percepção

desse conceito aos indivíduos reclusos nas instituições prisionais, devido às características limitantes e precárias que se encontram em muitos desses estabelecimentos. Na verdade, ao ser institucionalizado o indivíduo passa por um abrupto rompimento com o meio externo. Essa ruptura gera a fragmentação de sua identidade e de suas relações sociais (Barenys, 1990 cit. in Santos & Nogueira, 2015). Também a privação de liberdade, o espaço limitado, o distanciamento da família e amigos são causas de dor e sofrimento ao recluso. Além disso, condições físicas da prisão como a pouca luminosidade, a sobrelotação, a violência, as precárias condições de saneamento que favorecem a falta de higiene e, conseqüentemente, a proliferação de doenças, tornam ainda pior a experiência de reclusão (Karam, 2011). Essas circunstâncias fazem com que os reclusos possuam maiores taxas de ansiedade e depressão quando comparados com a população em geral (Cooper & Livingston, 1991 cit. in Cooper & Berwick, 2001) Diante desse cenário torna-se uma preocupação relevante para as instituições prisionais à elaboração de estratégias de promoção do bem-estar aos reclusos (Cooper & Berwick, 2001).

Outro fator que contribui para o aumento do bem-estar subjetivo é a percepção de apoio social, assim como há relatos de maior sentimento de felicidade e satisfação em pessoas casadas quando comparadas a pessoas divorciadas ou que nunca se casaram. (Pavot, Diener & Fugita, 1990; Myers, 2000). Para Ribeiro (1999), o suporte social exerce um papel protetor em situações adversas, considerando que há uma relação direta entre a satisfação com o suporte social percebido e a elevação da percepção de qualidade de vida. De acordo com Rodin e Salovey (1989 cit. in Ribeiro,1999), em situações de crise o suporte social reduz o distress e auxilia o indivíduo na recuperação de doenças. O suporte social é o apoio que o sujeito recebe em suas atividades diárias, fornecidas por indivíduos, como familiares e amigos, ou grupos sociais, como igreja, por exemplo. O suporte social formal refere-se à assistência obtida através de organizações formais, como hospitais e programas oferecidos pelo governo, e por profissionais, como médicos e psicólogos (Cobb, 1976, Dunst & Trivette, 1990, Sarason et al., 1983 cit. in Ribeiro, 1999).

Neste sentido, pretende-se com o presente trabalho, contribuir para um maior conhecimento e compreensão desta temática, através de uma estrutura que abarca três capítulos. No primeiro e atual capítulo encontra-se uma breve introdução ao trabalho, no segundo capítulo é apresentada a investigação em formato de artigo científico com vista à sua submissão numa revista com revisão por pares. Pretende-se não só estudar a satisfação do recluso com as instituições prisionais de Portugal, bem como se variáveis

como idade, prática de atividades na prisão, percepção de suporte social e a percepção do recluso de que o *staff* se preocupa com o seu bem-estar estão relacionadas com a satisfação. No terceiro capítulo apresenta-se a discussão geral. Como anexo, se insere a fundamentação teórica assente numa revisão bibliográfica do tema e das variáveis pertinentes ao estudo.

Essa dissertação realiza-se seguindo os princípios éticos da profissão e através do mesma, se pretende evidenciar a aquisição de competências de investigação exigidas para a obtenção de grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, de acordo com os regulamentos da Universidade da Beira Interior (UBI), com o Diploma de Psicólogo Europeu (Europsi) e o Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP). Este documento regulamenta os princípios éticos a seguir no âmbito da intervenção em psicologia, para as quais se pauta o presente trabalho, dentre os quais se destacam os princípios éticos relativos ao “Consentimento informado”, salientando o caráter voluntário no estudo e “Privacidade e Confidencialidade”, garantindo a privacidade e confidencialidade dos participantes, informando-os sobre o anonimato (Ordem dos Psicólogos Portugueses, 2011).

A presente investigação é pertinente à Psicologia e apresenta-se como um contributo inovador pelo fato de trazer uma investigação sobre a satisfação do recluso, que é uma temática pouco estudada.

## **Capítulo 2 - Fatores relacionados com satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses**

### **Resumo**

Fundamentação: O bem-estar compreende a satisfação global das necessidades do indivíduo, encontra-se relacionado com a qualidade de vida e apresenta-se como uma variável relevante em contexto prisional, face às características deste tipo de instituições. Ser recluso pode implicar um abrupto rompimento com o meio externo, ruptura que gera a fragmentação de sua identidade e de suas relações sociais (Barenys, 1990 cit. in Santos & Nogueira, 2015). Também são causas de dor e sofrimento para o recluso, a privação de liberdade, o espaço limitado, o distanciamento da família e amigos. Estes fatores, a par das condições físicas da prisão, tornam ainda pior a experiência de reclusão (Karam, 2011), e podem contribuir para o nível de satisfação com a prisão e com a percepção de bem-estar.

No que diz respeito ao suporte social, ou percepção do indivíduo de que é amado e se preocupam com ele, um papel protetor em situações de crise e estresse, facilitando a adaptação do indivíduo nessas situações adversas (Cobb, 1976 cit in Ornelas, 1996). A percepção de suporte social está diretamente relacionada com o bem-estar e a qualidade de vida (Ribeiro, 1999a).

Método: O estudo é de natureza descritiva e exploratória, de tipo quantitativo. Os dados foram obtidos em Estabelecimentos Prisionais (EPs) portugueses, com uma amostragem por conveniência. Utilizou-se um questionário, desenvolvido no contexto de um projeto europeu, contendo questões sociodemográficas e sobre a satisfação e bem-estar. Participaram 131 homens reclusos, de idade entre 21 a 68 anos ( $M=38.17$ ;  $DP= 11.30$ ), em maioria portugueses ( $M= 85.3\%$ ).

Objetivos: Avaliar se fatores como idade, prática de atividades na prisão, percepção de que se preocupam com o seu bem-estar e percepção de suporte social estão associados à satisfação com o estabelecimento prisional.

Resultados: Verificou-se que 51.5% dos reclusos declaram-se de modo geral satisfeitos com a instituição. 58.6% estão na prisão pela primeira vez e 75.4% dos reclusos participam de atividades dentro da prisão. Observou-se que a variável que apresenta

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses

maior significância na previsão da satisfação é a percepção de que se preocupam com o seu bem-estar. Relativamente à comparação da satisfação com a instituição em função da idade, observa-se que são os mais velhos que referem sentir maior satisfação.

Conclusões: A percepção de que se preocupam com o seu bem-estar mostrou-se um importante preditor da satisfação do recluso, o que evidencia a importância da conscientização dos funcionários da prisão acerca de estabelecer uma relação de confiança com o recluso, possibilitando a transparência da sua preocupação com bem-estar do mesmo.

## **Palavras-chave**

Bem-estar, prisão, percepção de suporte social, satisfação com a instituição.

## **Abstract**

**Rationale:** Well-being comprises the overall satisfaction of the individual's needs, is related to the quality of life and presents itself as a relevant variable in the prison context, given the characteristics of this type of institutions. Being a recluse can imply an abrupt break with the external environment, a rupture that generates the fragmentation of his identity and social relationships (Barenys, 1990 cit. In Santos & Nogueira, 2015). They are also causes of pain and suffering for the prisoner, deprivation of freedom, limited space, distance from family and friends. These factors, together with the physical conditions of the prison, make the experience of imprisonment even worse (Karam, 2011), and may contribute to the level of satisfaction with the prison and the perception of well-being.

With regard to social support, or the individual's perception that he is loved and concerned about him, a protective role in crisis and stress situations, facilitating the individual's adaptation in these adverse situations (Cobb. 1976 cit in Ornelas, 1996). The perception of social support is directly related to well-being and quality of life (Ribeiro, 1999a).

**Method:** The study is of a descriptive and exploratory nature, of a quantitative type. The data were obtained from Portuguese Prison Establishments (EPs), with a convenience sample. A questionnaire was used, developed in the context of a European project, containing sociodemographic questions and on satisfaction and well-being. 131 male prisoners, aged 21 to 68 years ( $M = 38.17$ ;  $SD = 11.30$ ), mostly Portuguese ( $M = 85.3\%$ ) participated.

**Objectives:** To assess whether factors such as age, practice of activities in prison, perception that they care about their well-being and perception of social support are associated with satisfaction with the prison establishment.

**Results:** It was found that 51.5% of the inmates declared themselves generally satisfied with the institution. 58.6 %% are in prison for the first time and 75.4% of inmates participate in activities within the prison. It was observed that the variable that has the greatest significance in predicting satisfaction is the perception that they care about their well-being. Regarding the comparison of satisfaction with the institution according to age, it is observed that it is the older ones who report feeling greater satisfaction.

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses

Conclusions: The perception that they care about their well-being proved to be an important predictor of the prisoner's satisfaction, which shows the importance of the prison officials' awareness of establishing a trust relationship with the prisoner, allowing transparency their concern for their well-being.

## **Keywords**

Well-being, prison, perception of social support, satisfaction with the institution.

## **Bem-estar em contexto prisional**

O bem-estar compreende a satisfação global das necessidades do indivíduo, orientado para proporcionar uma melhor qualidade de saúde física e psicológica, considerando a integração holística de corpo, mente e espírito (Myers, Sweeney e Winter, 2000). Por esse motivo, pretende-se relacionar a percepção de que os funcionários da prisão se preocuparem com o bem-estar dos reclusos e a satisfação dos reclusos com a instituição. O bem-estar enquanto um indicador da satisfação com a vida e felicidade é analisado sob a perspectiva hedónica, sendo considerado bem-estar subjetivo (Novo, 2005). Já o bem-estar psicológico possui como fundamentação a perspectiva eudemónica e sua definição está relacionada com a autorrealização e busca pelo propósito de vida (Novo, 2005) e envolve seis dimensões: 1) propósito de vida, 2) autonomia, 3) crescimento pessoal, 4) domínio ambiental, 5) relacionamentos positivos e 6) autoaceitação (Ryff, 2014).

De acordo com Ryff (2014), o bem-estar é um indicador importante a ser considerado, uma vez que a promoção de bem-estar está diretamente relacionada à promoção de saúde. O bem-estar pode representar um papel significativo na redução do sofrimento psicológico e na prevenção de doenças mentais, o que torna o bem-estar uma variável relevante em contexto prisional. Essa ideia corrobora com a definição de saúde da Organização Mundial de Saúde (1948), considerando que a saúde não dever ser compreendida apenas como a ausência de doenças, mas como um completo bem-estar físico, mental e social.

Wooldredge (1999) salienta a falta de pesquisas sobre o bem-estar psicológico dos reclusos. Segundo este autor, o bem-estar psicológico tem implicações diretas na percepção de insegurança, estresse, baixa autoestima e solidão.

De modo geral, supõe-se que a prisão prejudica o bem-estar (Gullone et al., 2000). A suposição tem como base as condições ambientais apresentadas por algumas instituições prisionais. Efetivamente, a sobrelotação, a falta de saneamento básico, má alimentação e falta de contato com o exterior contribuem para a diminuição da percepção de bem-estar dos reclusos. Este facto é corroborado pela Anistia Internacional (2008), ao afirmar que essas condições são prejudiciais ao bem-estar dos reclusos e constituem uma evidente ameaça à saúde dos mesmos. É recomendado que o ambiente prisional mantenha-se limpo e não apresente riscos para a saúde, porém

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses

com o aumento da população prisional torna-se difícil manter essas recomendações (Awopetu, 2014).

Segundo Mariño (2002), as condições ambientais tais como a sobrelotação, a precariedade das acomodações, a falta de profissionais qualificados e a falta de atividades na prisão tendem a contribuir para a reincidência.

Por seu turno, Bukstel e Kilmann (1980) realizaram uma revisão sobre estudos que se debruçam sobre efeitos da prisão e concluíram que, de forma geral, o estabelecimento prisional não compromete o bem-estar de todos reclusos, demonstrando que as relações entre prisão e bem-estar psicológico estão relacionadas com diversas variáveis.

## **Fatores relacionados com o bem-estar e a satisfação dos reclusos**

Um fator apontado pela literatura enquanto um preditor da satisfação com o estabelecimento prisional refere-se à idade do recluso, considerando que quanto mais velho o recluso maior será a satisfação apresentada com a instituição. Um estudo realizado com reclusos idosos no Canadá por Gallagher (2001) indicou que quando inquiridos os reclusos sobre a satisfação dos cuidados na saúde dentro da prisão, 56% dos reclusos idosos declaram-se satisfeitos. A insatisfação é proveniente de queixas que recaem sobre o acesso aos cuidados e às atitudes da equipe médica. Os reclusos apresentam uma queixa em relação à equipe relatando que são estereotipados por estes como tomadores de comprimidos e têm acesso negado a remédios como laxantes e aspirinas devido ao seu histórico de consumo de substâncias. No entanto, para alguns reclusos idosos a prisão pode significar um local de refúgio, pois a vida fora das instituições mostra-se ainda mais severa para aqueles com idade avançada, que possuem menos oportunidades de ressocialização e estão com a saúde mais fragilizada. Logo a prisão mostra-se como uma alternativa mais segura, onde lhes é possível aceder a condições básicas de alojamento, alimentação e assistência médica.

A adaptação e maturidade apresentada pelos reclusos com sentenças mais longas têm como resultado a melhoria na conduta destes reclusos. Os períodos mais longos de sentenças conduzem os reclusos a uma maior percepção de conformidade, sendo que estes parecem estar mais cientes sobre a necessidade de coexistência com as autoridades da instituição (Awopetu, 2014).

Relativamente ao suporte social, este conceito pode ser compreendido como a percepção do indivíduo de que o amam e se preocupam com ele, fazendo-o com que se

sinta integrado numa rede social. Essa informação exerce um papel protetor do indivíduo em situações de crise e estresse, facilitando a adaptação do indivíduo nessas situações adversas (Cobb, 1976 *cit in* Ornelas, 1996). O suporte social assume um papel relevante na recuperação de doenças (Rodin & Salovey, 1989), o que o torna relevante para a saúde do indivíduo, cuja percepção está diretamente relacionada ao bem-estar e qualidade de vida (Ribeiro, 1999a).

De acordo com Dunst e Trivett (1990 *cit in* Ribeiro, 1999a), o suporte social pode advir de duas fontes: (1) a informal, que são fontes de apoio nas atividades diárias, na qual se incluem como fonte de apoio os familiares, amigos e vizinhos, clubes, igreja; e (2) a fonte formal, que é formada por instituições ou pessoas orientadas para o fornecimento de assistência, como os hospitais, serviços de saúde, médicos, psicólogos, por exemplo. O suporte social também pode ser descrito enquanto percebido, que se refere ao suporte que o indivíduo percebe como disponível para quando necessitar dele, e o suporte social recebido, que se refere ao suporte social que o indivíduo recebeu ao necessitar dele (Cramer et al., 1997; Ribeiro, 1999a).

Através do contato com o meio externo o recluso tem acesso a uma fonte de suporte social que se encontra fora dos muros da prisão, a qual ele pode aceder via contato telefônico e através de visitas. As visitas às prisões proporcionam aos reclusos uma forma de manutenção e fortalecimento nas relações, atuando como um papel protetor, que afeta o bem-estar e contribui para uma melhoria no comportamento dos reclusos (De Claire & Dixon, 2017). Logo, a manutenção dos relacionamentos interpessoais proporciona a redução da probabilidade da reincidência e posterior integração positiva na comunidade (Hairston, 1991; May, Sharma, & Stewart, 2008; Niven & Stewart, 2005). Também o relacionamento entre pais e filhos, por exemplo, possibilita que os reclusos mantenham sua identidade social, fornece segurança e garante o bem-estar (Hairston, 1991).

A falta de contato com a família afeta negativamente o campo social do recluso, levando-o à perda de esperança e expectativas, e ao esgotamento emocional (Hairston, 1991). Poehlmann (2005) destaca que os reclusos que recebem com menos frequência visitas dos seus filhos apresentaram de forma expressiva níveis mais altos de depressão.

As atividades dentro da prisão apresentam-se como uma oportunidade de reintegração e ressocialização aos reclusos e também auxilia na redução do ócio e isolamento, além de proporcionar uma melhor autoestima, fazendo com que o recluso se sinta útil através da realização de tarefas. Observa-se que os reclusos permanecem privados da

liberdade e do convívio com a sociedade por um longo período de tempo, o que muitas vezes dificulta a ressocialização, tornando-o muitas vezes inapto para um retorno à sociedade. Logo seria relevante que as prisões colaborassem na aquisição de habilidades úteis para sua reintegração. No contexto prisional brasileiro, por exemplo, o trabalho prisional apresenta-se como uma forma de combate à sobrelotação, uma vez que o recluso que trabalha na prisão pode ser recompensado com a redução progressiva da pena (Rodrigues & Cavalcanti, 2017).

Os reclusos vivenciam diversos obstáculos aquando da sua saída da prisão e reinserção na sociedade. Além do seu histórico não ser favorável para novas oportunidades, os reclusos deparam-se com uma realidade diferente da qual viviam antes da reclusão, as suas relações anteriores à prisão sofreram transformações, assim como o mundo envolvente (Visher & Travis, 2003).

Os cursos de formação em instituições prisionais tornam-se relevantes, pois o registo criminal coloca o recluso em posição de desvantagem em processos seletivos para emprego, escola e moradia, um grande desafio ao recluso após a sua saída da prisão (Hernandez, 2019). O envolvimento em atividades e o acesso à educação estão associados a melhorias na autoconfiança dos reclusos e tem um papel protetor em relação à reincidência (Young & Church, 2017).

Em síntese, da revisão de literatura realizada, destacam-se fatores como a idade (Gallagher, 2001), a participação em atividades (Young & Church, 2017), a percepção de suporte social (Ribeiro, 1999a) e a percepção de que se preocupam com o seu bem-estar (Ryff, 2014) como fatores relacionados à satisfação dos reclusos com a instituição.

## **Método**

O estudo é de natureza descritiva, inferencial, correlacional e preditiva, de tipo quantitativo.

Tem como objetivo principal avaliar se fatores como idade, prática de atividades na prisão, percepção de que se preocupam com o seu bem-estar e percepção de suporte social estão associados à satisfação com o estabelecimento prisional. Definem-se como objetivos específicos:

- verificar a relação entre a idade dos reclusos com a satisfação com a instituição;
- verificar a relação entre a prática de atividades dentro da prisão com a satisfação dos reclusos com o estabelecimento prisional;

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses

- verificar se a maior percepção de suporte social é um preditor da satisfação do recluso com o estabelecimento prisional;
- e verificar se a maior percepção de que se preocupam com o seu bem-estar é um preditor da satisfação do recluso com o estabelecimento.

Foram formuladas as seguintes hipóteses:

H1: Os reclusos com maior percepção de suporte de social apresentam maior probabilidade de satisfação com a instituição;

H2: Os reclusos com maior percepção de preocupação do *staff* com o seu bem-estar apresentam maior probabilidade de satisfação com a instituição.

Como variável dependente considerou-se a satisfação com a instituição e como variáveis independentes foram consideradas: a idade, participar de atividades dentro da prisão, a percepção de suporte social e percepção de que se preocupam com o seu bem-estar.

### **Participantes**

Os dados foram obtidos em prisões portuguesas, com uma amostragem por conveniência. Responderam ao instrumento 139 reclusos, dos quais 131 tiveram suas respostas validadas. Em relação à idade, os 131 reclusos possuem entre 21 e 68 anos ( $M=38.17$ ;  $DP= 11.30$ ), são na sua grande maioria portugueses (85.3%) e com baixa escolaridade (70.9% dos reclusos não concluíram o ensino secundário).

No que diz respeito ao estado civil, 50.8% dos participantes afirmam estar em um relacionamento e 63.4% são pais. Quando questionados sobre atividades antes da reclusão, 73.1% dos indivíduos estavam empregados. Em relação à participação de atividades dentro da instituição prisional, a grande maioria dos reclusos (75.4%) relata estar envolvido em algum tipo de atividade.

Dos 131 reclusos, 58.6% estão na prisão pela primeira vez e 64.9% possuem sentenças acima de 48 meses. Quando questionados acerca da justiça da sua sentença, cerca de 69.1% dos reclusos não consideram sua condenação justa. Em relação à frequência com que a sua atual sentença o incomoda, 40.2 % dos reclusos responderam que praticamente todos os dias sentem-se incomodados com sua sentença (Ver Tabela 1).

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses

**Tabela 1.**  
Características dos participantes

	<b>n 131</b>	<b>% válida</b>
<b>Idade</b>		
Até 30 anos	43	32.8%
31 - 49 anos	61	46.6%
A partir de 50 anos	27	20.6%
<b>Nacionalidade</b>		
Português	110	85.3%
Não português	19	14,7%
Omissos	2	-
<b>Escolaridade</b>		
Concluiu 12 <sup>o</sup> ano	37	29.1%
Não concluiu 12 <sup>o</sup> ano	90	70.9%
Omissos	4	-
<b>Relacionamento</b>		
Não	64	49.2%
Sim	66	50.8%
Omissos	1	-
<b>Tem filhos</b>		
Não	48	36.6%
Sim	83	63.4%
<b>Trabalhava antes da prisão</b>		
Não	35	26.9%
Sim	95	73.1%
Omissos	1	-
<b>Atividades dentro da prisão</b>		
Não	32	24.6%
Sim	98	75.4%
Omissos	1	-
<b>Número de Vezes Presos</b>		
1 <sup>o</sup> vez	75	58.6%
2 - 3 vezes	46	35.9%
4 - 6 vezes	4	3.1%
Mais de 6 vezes	3	2.3%
Omissos	3	-

No que se refere às características das fontes de suporte social dos participantes, verificou-se, através da análise das alíneas e) e l) da questão 21 do questionário do projeto AWARE que, quando perguntado sobre se dirigir a um familiar/parceiro ao se sentir triste e deprimido 85% dos reclusos responderam que sim. Em contrapartida,

quando questionados sobre se dirigir a um guarda prisional quando se sentir triste e deprimido, apenas 33% dos reclusos responderam que sim.

### **Instrumento e procedimentos**

Utilizou-se um questionário, desenvolvido no contexto de um projeto europeu, *“AWARE: Cross-sectoral awareness building on mental health needs in the criminal justice system and on release”*. O questionário é constituído por questões sociodemográficas e questões relativas às necessidades e satisfação dos reclusos. As questões sociodemográficas incidem sobre a idade, escolaridade, nacionalidade, estado marital, e têm como objetivo caracterizar os participantes. As questões relativas às necessidades e satisfação compreendem os itens relacionados com a percepção de suporte social (19), a percepção da preocupação do *staff* com o seu bem-estar (item 20), e a satisfação com o estabelecimento prisional (item 24). São exemplos dessas questões: item 19 - a) “existem possibilidades suficientes de manter contato com o meu advogado”; item 19 - c) “existem possibilidades suficientes de manter contato com a minha família e amigos”; item 20 – “acha que as pessoas aqui na prisão se preocupam com o seu bem-estar”; item 20 - b) “se pedir, consigo ser atendido por um médico num prazo razoável”; item 24 - “no geral, estou satisfeito com a instituição”.

Na maioria dos itens optou-se por uma escala de resposta dicotómica, tendo em conta os resultados do estudo piloto realizado e o nível de escolaridade e características psicológicas dos respondentes.

Previamente a recolha dos dados procedeu-se ao pedido de autorização para se efetuar a pesquisa junto da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP).

O preenchimento dos questionários decorreu de julho a outubro de 2019, de forma presencial em prisões portuguesas. A aplicação foi realizada por técnicos do contexto prisional que receberam formação específica no âmbito do referido projeto e mais diretamente no que concerne à administração do questionário. Foram garantidas a confidencialidade, anonimato e o carácter voluntário da participação. Os participantes precisavam aceitar ("Sim, por favor, passe para a página seguinte") ou recusar ("Não, por favor, pare aqui") uma declaração de consentimento informado. Se o indivíduo consentisse, prosseguia para o preenchimento do questionário.

Uma vez preenchidos os inquéritos, os dados foram inseridos numa base de dados do *IBM SPSS Statistics 25*, e posteriormente analisados.

## Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses

Para melhor compreensão de algumas variáveis, foi realizada a categorização das respostas em grupos. Para a variável idade, as respostas foram divididas em três grupos: grupo 1 (até 30 anos), grupo 2 (de 31 a 49 anos) e grupo 3 (a partir de 50 anos). Sobre o tempo que o recluso se encontra preso, optou-se por converter as respostas para meses, tendo as mesmas sido divididas em dois grupos: grupo 1 (inferior/igual 48 meses) e grupo 2 (superior 48 meses).

Para as respostas do questionário sociodemográfico realizou-se uma análise estatística da frequência com a finalidade de melhor descrever a amostra. Foi realizada a análise de confiabilidade através do *Kuder-Richarson 20* dos itens relacionados à percepção de suporte social (correspondente às alíneas da questão 19 “Por favor, fale-nos acerca do seu contato com pessoas fora da prisão”) e os itens acerca da percepção de preocupação do *staff* com o seu bem-estar (correspondente às alíneas da questão 20). Os valores de *Kuder-Richarson 20* demonstraram consistência interna aceitáveis para os itens referentes ao indicador de percepção de preocupação com o bem-estar, no valor de .745 e para os itens pertencentes à variável de percepção de suporte social, no valor de .768. Considerando os valores aceitáveis de consistência interna, procedeu-se à soma dos itens relativos aos respetivos, obtendo-se desta forma um indicador da percepção do recluso sobre o suporte social (Máx = 6; Mín. = 0; M =2.95; DP =1.98) e um indicador da percepção do recluso da preocupação do *staff* com o seu bem-estar (Máx = 5; Mín. = 0; M =2.68; DP =1.73).

Acerca da satisfação com o estabelecimento prisional, utilizou-se como indicador o item 24 do questionário “no geral, estou satisfeito com esta instituição” e como um indicador da percepção dos reclusos sobre a preocupação dos funcionários com o seu bem-estar, realizou-se a análise das alíneas do item 20: “acha que as pessoas aqui na prisão se preocupam com o seu bem-estar?”. Tendo em conta que a variável dependente “satisfação com a instituição” é dicotómica, opta-se pela realização de testes não paramétricos.

Com a finalidade de comparar a satisfação com a instituição entre os grupos que praticam ou não alguma atividade na prisão realizou-se o teste de *Mann-Whitney* pelo fato da amostra não ser paramétrica. Relativamente à comparação da satisfação com o estabelecimento prisional entre os três grupos de idade: grupo 1 (até 30 anos), grupo 2 (de 31 a 49 anos) e grupo 3 (a partir de 50 anos) realizou-se o teste de *Kruskal-Wallis* com o propósito de verificar se há diferenças na satisfação entre esses três grupos. Também se utilizou uma análise correlações entre idade, atividades na prisão, percepção de suporte social e satisfação com a instituição, através da correlação

bivariada de Spearman. Para testar as hipóteses formuladas utilizou-se uma regressão logística binária, que nos permite prever a probabilidade de satisfação com a instituição.

## Resultados

Dos 131 reclusos participantes do estudo, 51.5% relatam estar satisfeitos de forma geral com a instituição.

Relativamente à relação entre as variáveis, verificou-se uma correlação moderada positiva, estatisticamente significativa, entre as variáveis percepção de suporte social e percepção de que se preocupam com o seu bem-estar,  $r_s = .543$ , entre as variáveis percepção de que se preocupam com o seu bem-estar e satisfação com a instituição prisional,  $r_s = .604$  e entre as variáveis percepção de suporte social e satisfação com a instituição prisional,  $r_s = .445$ . Entre as variáveis idade e satisfação com a instituição observou-se uma correlação fraca positiva,  $r_s = .200$  (ver Tabela 2).

**Tabela 2.**  
Correlação entre as variáveis

	Idade	Atividade na prisão	Percepção de suporte social	Percepção de preocupação com o bem-estar	Satisfação com a instituição
Idade	1				
Atividades na Prisão	.093	1			
Percepção de suporte social	.148	.008	1		
Percepção de preocupação com o bem-estar	.150	.009	.543**	1	
Satisfação com a instituição	.200*	.157	.445**	.604**	1

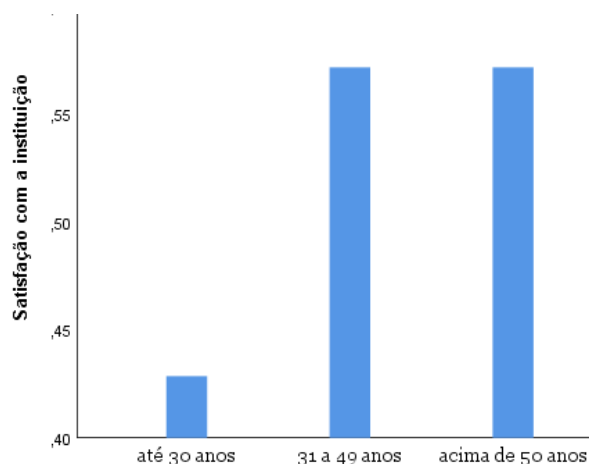
\*A correlação é significativa no nível .05

\*\* A correlação é significativa no nível .01

No que diz respeito à comparação da satisfação entre os três grupos de idade dos reclusos - grupo 1 (até 30 anos), grupo 2 (de 31 à 49 anos) e grupo 3 (a partir de 50 anos) - foi efetuado o teste de *Kruskal-Wallis* cujo resultado aponta que há diferença entre os grupos de idade dos reclusos em relação a satisfação com a instituição ( $H$  de *Kruskal-Wallis* = 6.216;  $p = .045$ ).

## Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses

Através da comparação pelo Método *Pairwise* observou-se que há diferenças na satisfação com a instituição quando se compara o grupo 1 e o grupo 2 ( $p = .025$ ) e há diferenças na satisfação quando se compara o grupo 1 e o grupo 3 ( $p = .041$ ), porém, ao se comparar a satisfação entre os grupos de idade 2 e grupo 3, verificou-se que não há diferenças significativas entre os dois grupos ( $p = .836$ ) (ver Figura 1).



**Figura 1.**  
Comparação da satisfação com a instituição entre os grupos etários

A respeito da prática de atividades na prisão, observou-se que 75.4% dos reclusos participam de algum tipo de atividade. Para averiguar se há diferenças na satisfação entre o grupo que pratica alguma atividade na prisão com o grupo que não participa de atividade recorreu-se ao teste de *Mann-Whitney*. Os resultados indicam que não há diferenças significativas na satisfação entre os dois grupos, os que participam e os que não participam ( $U = 1270$ ;  $p = .076$ ).

Posteriormente, foi realizada uma regressão logística binária a fim de verificar se as variáveis como a percepção de suporte social e a percepção de preocupação do *staff* com o seu bem-estar possuem associações significativas com a satisfação dos reclusos com a instituição (ver Tabela 3).

**Tabela 3.**  
Regressão logística binária

	$\beta$	Sig.	OR
Percepção de suporte social	.244	.057	1.277
Percepção de preocupação com o seu bem-estar	.804	.000***	2.239

\*\*\* o valor é significativo no nível  $< .001$

No que se refere à percepção de suporte social ( $p = .057$ ; OR = 1.277), os resultados apresentados para associação dessa variável com a satisfação do recluso com a instituição não indicam que a percepção de suporte social é um preditor significativo. Esse resultado não permite aceitar a hipótese 1.

Os resultados da regressão logística binária apontam que a variável que apresentou maior significância na previsão satisfação com a instituição é a percepção de preocupação de *staff* com o bem-estar dos reclusos ( $p = .000$ ; OR = 2.239), indicando que a percepção de preocupação do *staff* com o bem-estar do recluso é um preditor significativo da satisfação do recluso com o estabelecimento prisional. Este resultado permite confirmar a hipótese 2.

## **Discussão**

Com base na literatura estudada e, conseqüentemente nas hipóteses formuladas, esperava-se que os resultados indicassem que a percepção de suporte social e a percepção de preocupação do *staff* com o bem-estar dos reclusos fossem preditores da satisfação do recluso com a instituição prisional.

No que se refere à satisfação em função da idade dos reclusos, os resultados indicam que há diferenças significativas entre os grupos de idade dos reclusos. Verifica-se que os reclusos que fazem parte do grupo etário até 30 anos apresentam menor satisfação com a instituição. Efetivamente era expectável que os reclusos mais velhos apresentassem maior satisfação que os reclusos mais jovens. Segundo Gallagher (2001), os reclusos mais idosos possuem um estatuto mais elevado na prisão e têm acesso a melhores oportunidades de ocupação em contexto prisional do que os reclusos mais jovens. Sobre a questão da interação entre os reclusos, os mais idosos declaram que fizeram amizade com os mais jovens e dizem ter influência sobre eles, prestando-lhes algum tipo de assistência. Expressam que o fato de estar rodeado por homens mais jovens auxilia a percepção de manter-se jovem. Os resultados indicam que há diferenças significativas entre os grupos de idade dos reclusos. Verifica-se que os reclusos que fazem parte do grupo etário até 30 anos apresentam menor satisfação com a instituição. Assim pode supor-se que a idade do recluso apresenta-se como um fator que favorece a adaptação à realidade prisional. Para muitos reclusos mais velhos a prisão pode representar uma opção de alojamento e alimentação, uma vez que a idade avançada acarreta menos oportunidades de emprego, desse modo, a pouca expectativa fora dos muros da prisão pode elevar a satisfação do recluso mais velho com a instituição.

Relativamente à comparação na satisfação dos reclusos no que se refere a participar ou não de atividades na prisão, esperava-se que houvesse diferença na satisfação entre os dois grupos, considerando que a participação em atividades dentro da prisão possibilita ao recluso a diminuição do ócio e, como consequência, contribui para que o recluso se sinta mais útil. Observou-se que a variável atividade na prisão apresentou uma associação fraca e positiva com a satisfação com a instituição. Porém, os resultados da comparação entre o grupo que participa de atividades na prisão e o grupo que não participa de atividades na prisão revelam que não há diferenças significativas. O fato de grande maioria dos reclusos participantes do estudo estar inseridos em atividades dentro da prisão pode ter contribuído para que não houvesse diferenças significativas entre os dois grupos, uma vez que as atividades podem ser acessíveis e representar ao recluso como parte da rotina na prisão. É importante ressaltar que as atividades na prisão são fundamentais para o recluso. De acordo com Cooper e Berwick (2001), as atividades na prisão auxiliam na diminuição da ansiedade dos reclusos, bem como a participação em atividades também se apresenta com uma oportunidade do recluso sair do seu “isolamento” e conhecer pessoas que podem vir a ser uma fonte de apoio (Onofre, 2015, 2016). Além disso, as atividades educacionais presentes em muitas prisões permitem ao recluso adquirir um conhecimento que pode proporcionar melhores expectativas em relação à sua saída da prisão, que tende a ser um momento bastante desafiador (Hernandez 2019). Um estudo realizado por Davis et. al (2013) apontou uma redução de 43% de reincidência em reclusos que participaram de programas educacionais quando comparados àqueles que não participaram.

Em relação à percepção de suporte social, os resultados evidenciam uma associação moderada e positiva entre a variável percepção de suporte social e a variável satisfação com a instituição. Embora os resultados observados após a realização da regressão logística binária não demonstraram significância, verifica-se que a percepção de suporte social aumenta por um fator de 1.277 a probabilidade de satisfação com a instituição, o que indica que o suporte social percebido exerce uma função importante face às adversidades. É um fator protetor do impacto de situações desafiadoras e estressantes, tanto no bem-estar físico como mental, que permite o aumento da autoestima e do bom humor, promovendo uma visão mais otimista sobre a vida e diminuindo a sensação de isolamento e de derrotas (Pinheiro & Ferreira, 2005). Devido à sua importância, torna-se necessário que o recluso tenha percepção da rede de suporte social disponível dentro da prisão, que corresponde à instituição em si, além dos funcionários e demais reclusos ali presentes. Também a manutenção de contato com sua rede de suporte fora da prisão, através dos telefonemas e visitas, é

imprescindível. Grande parte dos reclusos respondeu que pediria ajuda à família ao sentir triste ou deprimido. Esse resultado vai ao encontro de um estudo realizado com reclusos adolescentes do sexo masculino no qual os reclusos que receberam mais visitas dos pais apresentaram mais rapidamente uma redução dos sintomas depressivos em relação aos demais (Monahan et al., 2011).

A percepção de que se preocupam com o seu bem-estar apresentou-se como uma variável considerável na satisfação do recluso com a instituição. Como era esperado, os resultados observados vão ao encontro do referido na literatura no que se refere à importância do bem-estar. De acordo com Diener (2000), o bem-estar subjetivo possui como principais indicadores a satisfação com a vida e a felicidade. Já o bem-estar psicológico está associado à vivência de mais afetos positivos do que negativos (Ryff, 1989), relacionado à auto realização do indivíduo e busca pelo propósito de vida (Novo, 2005). De fato, o bem-estar subjetivo contribui para a prevenção de doenças mentais e alívio do sofrimento psicológico (Ryff, 2014). Com base nos resultados da regressão logística binária observou-se que a percepção do recluso de que o *staff* se preocupa com o seu bem-estar aumenta por um fator 2.239 a possibilidade de satisfação com a instituição, assim como os resultados da correlação entre essas duas variáveis apontam uma associação moderada e positiva. Em vista dos resultados e da literatura, torna-se importante considerar estratégias junto à instituição nos fatores que beneficiam a percepção do recluso de que se preocupam com o seu bem-estar, bem como na conscientização do *staff* para a importância de se preocupar com o tratamento que oferece ao recluso, de modo proporcionar ao recluso uma demonstração perceptível de preocupação com o seu bem-estar. Essa intervenção torna-se importante principalmente tendo em vista que apenas 33% dos reclusos participantes responderam que pediriam ajuda a um guarda prisional ao sentirem-se tristes e deprimidos. É, pois primordial que o *staff* prisional represente para o recluso uma fonte de apoio, e enquanto tal seja percebido.

## **Conclusão**

O presente estudo visou analisar e interpretar os resultados obtidos sobre as percepções dos reclusos em relação às suas necessidades de satisfação e percepção de que se preocupam com o seu bem-estar.

Com a reclusão, o indivíduo perde muito mais que sua liberdade. A falta de contato com o mundo externo gera no recluso a perda de autonomia, das relações pessoais e sociais,

da sua capacidade de escolha. Nesse cenário procurou-se investigar quais seriam os fatores que proporcionam aos reclusos maior satisfação com a instituição.

Através da análise dos resultados encontraram-se diversos fatores que propiciam maior satisfação global dos reclusos com a instituição. De acordo com a literatura, a idade apresenta-se como uma variável que facilita a adaptação dos reclusos à prisão. Efetivamente, reclusos mais jovens (até 30 anos) apresentaram menor satisfação com o estabelecimento prisional, quando comparado com os demais grupos de reclusos.

A percepção de que se preocupam com o seu bem-estar apresenta-se como um fator significativo na predição da satisfação do recluso com o estabelecimento prisional. Em relação à percepção de suporte social, embora não tenha apresentado resultados significativos enquanto um preditor da satisfação, ainda assim, o resultado está muito próximo da significância, o que sugere que o suporte social aumenta a probabilidade da satisfação com a instituição. A investigação do impacto dessas variáveis na satisfação pode auxiliar na promoção de melhores condições no meio prisional, possibilitando estratégias que permitem a identificação das fontes de suporte social do recluso e no desenvolvimento de recursos que viabilizem ao recluso a percepção de suporte social disponível dentro do estabelecimento prisional, o que torna possível propiciar uma melhor qualidade de vida aos reclusos num ambiente, na maioria das vezes, considerado adverso. No que se refere à instituição e seus funcionários, a realização de treinamentos visando aprimorar a demonstração de preocupação com o bem-estar do recluso podem vir a contribuir para a maior satisfação do recluso com a instituição.

Embora o estudo tenha fornecido alguns dados sobre as variáveis relacionadas à satisfação do recluso com o estabelecimento prisional, incentiva-se que futuras investigações se debruçam sobre o tema com a finalidade de melhor compreensão do bem-estar no contexto prisional. Apesar do crescente número de estudos realizados sobre da população prisional ainda há espaço para temas pouco abordados, relacionados com o modo como os reclusos percebem o bem-estar, na medida em que parte da literatura incide sobre o funcionamento psicopatológico e perturbações de personalidade dos mesmos (Costa et al, 2017).

No que se refere às limitações do estudo, a natureza transversal do mesmo e a recolha de dados através de um questionário contendo maioritariamente itens com escala dicotómica podem ser consideradas como tais. Futuramente, o recurso a instrumentos de avaliação validados para a população portuguesa, com resposta aos itens em formato

likert, e o recurso a uma amostra aleatória, podem obviar algumas das limitações do presente trabalho.

Investigar sobre a percepção de bem-estar é relevante para a área da saúde, pois aceder ao modo como o recluso vive no contexto prisional facilita a prestação de um serviço de qualidade que traz satisfação e uma melhor adaptação. Os resultados observados evidenciam a necessidade de estratégias que viabilizem ao recluso o acesso a mais fontes de suporte social disponíveis dentro e fora da prisão, considerando que a principal fonte de suporte social apontada pelo recluso é a família. Torna-se necessário o acesso a essa fonte através da possibilidade de contato externo por meio de cartas, telefonemas e visitas. No que se refere à importância da percepção de que os funcionários da prisão se preocupam com o seu bem-estar para a satisfação do recluso, o treinamento de técnicas junto ao *staff* sobre como dar resposta a necessidade de apoio podem vir a contribuir para o aumento da satisfação do recluso, uma vez que apenas 33% responderem que pediriam ajuda a um guarda prisional ao sentir-se triste e deprimido. Essas implicações práticas têm como objetivo proporcionar ao recluso maior satisfação e conseqüentemente, melhor qualidade de vida, resultando posteriormente na sua reabilitação e integração na sociedade e diminuindo a reincidência.

## Referências Bibliográficas

- Amnesty International Report (2008). *Annual Report on Prison Reform*.
- Awopetu, R. G. (2014). Influence of demographic variables and prison overcrowding on psychological well-being of prison inmates in South-West, Nigeria. *Nigerian Journal of Applied Behavioural Sciences*, 2 (June), 204-214.
- Cooper, C., & Berwick, S. (2001). Factors affecting psychological well-being of three groups of suicide-prone prisoners. *Current Psychology*, 20(2), 169-182.
- Costa, V., Monteiro, S., Esgalhado, G., & Pereira, H. (2017). Investigação psicológica em contexto prisional português: uma revisão sistemática da literatura e desafios futuros para a investigação. *Psicologia*, 31(1), 49-58.
- Cramer, D., Henderson, S., & Scott, R. (1997). Mental health and desired social support: A four-wave panel study. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14(6), 761-775.
- De Claire, K., & Dixon, L. (2017). The effects of prison visits from family members on prisoners' well-being, prison rule breaking, and recidivism: A review of research since 1991. *Trauma, Violence, & Abuse*, 18(2), 185-199.
- Dalfovo, M. S., Lana, R. A., & Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista interdisciplinar científica aplicada*, 2(3), 1-13.
- Gallagher, E. M. (2001). Elders in prison: Health and well-being of older inmates. *International Journal of Law and Psychiatry*, 2(24), 325-333.
- Gullone, E., Jones, T., & Cummins, R. (2000). Coping styles and prison experience as predictors of psychological well-being in male prisoners. *Psychiatry, psychology and law*, 7(2), 170-181.
- Hairston, C. F. (1991). Family ties during imprisonment: Important to whom and for what. *J. Soc. & Soc. Welfare*, 18, 87.
- Hernandez, S. (2019). Implementing Educational Courses on Social Media Within Prisons to Decrease Unemployment Rates Among Ex-Prisoners and Reduce Recidivism in the United States. *All Regis University Theses*.
- Karam, M. L. (2011). Psicologia e sistema prisional. *Revista EPOS*, 2(2), 0-0.
- May, C., Sharma, N., & Stewart, D. (2008). Factors linked to reoffending: a one-year follow-up of prisoners who took part in the Resettlement Surveys 2001, 2003 and 2004. *Research Summary*, 5.
- Mariño, J. M. F. (2002). Análise comparativa dos efeitos da base socioeconômica, dos tipos de crime e das condições de prisão na reincidência criminal. *Sociologias*, (8), 220-244. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222002000200010>

- Myers, J. E., Sweeney, T. J., & Witmer, J. M. (2000). The wheel of wellness counseling for wellness: A holistic model for treatment planning. *Journal of Counseling & Development, 78*(3), 251-266. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.2000.tb01906.x>
- Monahan, K. C., Goldweber, A., & Cauffman, E. (2011). The effects of visitation on incarcerated juvenile offenders: How contact with the outside impacts adjustment on the inside. *Law and human behavior, 35*(2), 143-151. <https://doi.org/10.1007/s10979-010-9220-x>
- Niven, S., & Stewart, D. (2005). Resettlement outcomes on release from prison in 2003. *Home Office Research Findings, 248*(7), 456-478.
- Novo, R. (2005). Bem-estar e psicologia: conceitos e propostas de avaliação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica, 20*, 183-203.
- Organização Mundial da Saúde (1948, 7 de abril) *Constituição da Organização Mundial da Saúde: documentos básicos*. <https://www.who.int/about/who-we-are/constitution>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses. (2011, abril 21). *Código Deontológico*.
- Ornelas, J. (1994). *Suporte social: origens, conceitos e áreas de investigação. Análise psicológica, 12*, 333-339.
- Pinheiro, M., & Ferreira, J. (2005). A percepção de suporte social da família e dos amigos como elementos facilitadores da transição para o ensino superior. *Actas do VIII Congresso Galaico Português de Psicopedagogia* (pp. 467-485). Braga: Instituto de Educação e Psicologia/Centro de Investigação em Educação.
- Poehlmann, J. (2005). Incarcerated mothers' contact with children, perceived family relationships, and depressive symptoms. *Journal of Family Psychology, 19*(3), 350.
- Ribeiro, J. L. P. (1999a). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica, 17*(3), 547-558.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*.
- Ryff, C. D. (2014). Psychological well-being revisited: Advances in the science and practice of eudaimonia. *Psychotherapy and psychosomatics, 83*(1), 10-28.
- Rodrigues, V. F. R., & Cavalcanti, S. C. M. (2017). O Sistema prisional e a ressocialização do preso através do trabalho. *Revista Facisa On-line, 6*(2), 47-62.
- Rodin, J., & Salovey, P. (1989). Health psychology. *Annual review of psychology, 40*(1), 533-579.

Fatores relacionados com percepção de satisfação: um estudo com reclusos em estabelecimentos prisionais portugueses

- Santos, C. S. L., & Nogueira, A. Z. Q. (2015). Envelhecer em contexto prisional. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 18(1),39-48.  
<http://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14040>
- Scartazzini, L., & Borges, L. M. (2018). Condição psicossocial do agente penitenciário: uma revisão teórica. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 38(94), 45-53.
- Siqueira, M. M. M., & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 24(2), 201-209.
- Teixeira, M. O., & Costa, C. J. (2017). Carreira e bem-estar subjetivo no ensino superior: Determinantes pessoais e situacionais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(1), 19-29.
- Visher, C. A., & Travis, J. (2003). Transitions from prison to community: Understanding individual pathways. *Annual review of sociology*, 29(1), 89-113.
- Wooldredge, J. D. (1999). Inmate experiences and psychological well-being. *Criminal justice and behavior*, 26(2), 235-250.
- Young, S., Greer, B., & Church, R. (2017). Juvenile delinquency, welfare, justice and therapeutic interventions: a global perspective. *BJPsych bulletin*, 41(1), 21-29.

## Capítulo 3 - Considerações finais

A presente dissertação possui como objetivo a obtenção de grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, através da qual se possibilita a prática dos conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado, desenvolvendo as competências necessárias à prática da psicologia. Levando em conta o diploma europeu de psicologia (EuroPsy), visa o desenvolvimento e aplicação de princípios psicológicos, com o objetivo de promover e desenvolver o bem-estar de indivíduos, grupos e da sociedade em geral.

O estudo foi realizado em formato de artigo, com a intenção de submissão a uma revista científica com revisão por pares, através do qual se pretendia estudar os fatores relacionados à percepção de bem-estar dos reclusos em contexto prisional português. Após a revisão bibliográfica acerca do tema, verificou-se que fatores como idade, prática de atividades dentro da prisão, percepção de suporte social e contato com o meio externo eram como fatores relacionados com o bem-estar e a satisfação dos reclusos.

Com o intuito de verificar a relação dessas variáveis com a satisfação com instituição, realizou-se a análise estatística das informações fornecidas pelos participantes. Verificou-se que dos 131 participantes, 51.5% ( $M=.5154$  e  $DP = .5017$ ) relatam estar satisfeitos de forma geral com a instituição.

Relativamente à comparação da satisfação com a instituição entre os grupos etários de reclusos, os resultados do teste de *Kruskal-Wallis* ( $p= .045$ ) indicam que há diferenças significativas na satisfação entre os três grupos e que os reclusos mais jovens (até 30 anos) apresentam menor satisfação com a instituição. Através da regressão logística binária, observou-se que a percepção de que os funcionários da prisão se preocupam com o seu bem-estar se apresenta como um preditor significativo da satisfação do recluso com a instituição, assim como a percepção de suporte social.

A investigação do impacto dessa variável na percepção de satisfação pode contribuir para melhores condições no meio prisional, promovendo estratégias que possibilitem a identificação das fontes de suporte social do recluso e no desenvolvimento de recursos que viabilizem ao recluso a percepção de suporte social disponível dentro do estabelecimento prisional, com o objetivo de propiciar uma melhor qualidade de vida aos reclusos. Além disso, a manifestação nítida do *staff* com o bem-estar do recluso

pode contribuir para que o mesmo tenha essa maior percepção, elevando assim a probabilidade de satisfação com a instituição.

Assim como muitos outros estudos, este também apresentou limitações, entre as quais é pertinente citar a natureza transversal do mesmo e a recolha de dados através de um questionário contendo em sua maioria itens com escala dicotômica. A percepção de bem-estar é um conceito que pode levar a diversas interpretações, de acordo com as experiências de vida de cada indivíduo, dessa forma, algumas questões abertas acerca do entendimento destes no que se refere ao bem-estar e satisfação forneceria um material com maiores detalhes para a investigação.

Esse estudo torna-se pertinente para a área da Psicologia e da Saúde devido à existência de poucos estudos relacionando quais fatores influenciam a percepção de bem estar dos reclusos. Ao aceder ao modo ao modo como os reclusos vivenciam o contexto prisional se tem acesso a informações que servem como ferramentas na intervenção psicológica e dos demais serviços de saúde que atuam dentro da instituição prisional. A partir das informações disponíveis é possível se pensar em alternativas na prestação de um serviço de melhor qualidade, visando o bem-estar e melhor adaptação do recluso. Essas circunstâncias irão resultar na melhor reintegração do recluso na sociedade, diminuindo dessa forma a reincidência.

## **Anexo Teórico**

### **1. As Instituições Prisionais**

As prisões e, conseqüentemente, a privação da liberdade, representam o método punitivo fruto da construção histórica das punições públicas. De acordo com Foucault (1987) o método de vigilância e disciplina enquanto um modo de regulação social que vieram a substituir de forma gradativa os castigos corporais. E mesmo os mais leves meios de punição e controle submetem o corpo à rendição de suas formas, desse modo, a prisão exerce poder sobre os corpos, tornando-os dóceis. A instituição prisional é uma estrutura que tem como finalidade a ressocialização de indivíduos com comportamento desviante, ou seja, possui como objetivo tornar os reclusos aptos ao retorno para a vida em sociedades, através de um “adestramento social” (Miyamoto & Krohling, 2012).

Logo, a prisão é a instituição onde o controle e a dominação sobre indivíduo atinge seu auge. Esse controle ocorre através da submissão a uma autoridade através da imposição da disciplina. O recluso, ao passar por essa experiência, pode desenvolver o sentimento de ódio e desrespeito pela autoridade e pela sociedade. A hipótese disposicional é uma tentativa de explicar as lamentáveis condições de grande parte das instituições prisionais e seus efeitos muitas vezes desumanos sobre os reclusos e sobre os funcionários dos estabelecimentos prisionais. Essa hipótese sugere que a brutalidade, a violência, a desumanização entre outras características da prisão são condicionadas ou pela natureza de seus administradores ou dos institucionalizados, ou ainda concomitantemente pela natureza de ambos. Considerando essa hipótese, por um lado se tem reclusos com um histórico de desrespeito às regras e convenções sociais, de comportamento irresponsável e impulsivo e propenso à agressividade, essas características continuam a ser reproduzidas dentro da prisão e por ter esse comportamento à precariedade e falta de um tratamento humanizado é justificado. Por outro lado, o controle desses comportamentos é de responsabilidade de funcionários que em sua maioria são mal instruídos e que adotam muitas vezes uma postura insensível, a junção dessas características será refletida no tratamento que o funcionário dará ao recluso (Haney et al., 1972; Karam, 2011; Lawrence & Andrews, 2004).

Além dessas particularidades dos reclusos e funcionários da prisão, o ambiente prisional é caracterizado por suas limitações, tais como o isolamento do mundo externo, distanciamento do meio familiar, restrição de espaço. Além dessa privação da

liberdade, a prisão também é marcada por condições sanitárias precárias e falta de um cardápio alimentar balanceado, o que facilita na proliferação de algumas doenças. Além do ambiente precário, a prisão submete os reclusos a uma convivência forçada e que muitas vezes é somada a sobrelotação, essas condições aumentam a percepção dos eventos, fazendo com que qualquer divergência ou incidente tome maiores proporções e que os envolvidos adquiram um estereótipo agressivo e hostil (Karam, 2011; Lawrence & Andrews, 2004). O cotidiano das instituições prisionais é marcado pelo excesso de conflitos e violências que se sobrepõem as emoções da vida comum (Varela, 2012, p.10).

A sobrelotação é caracterizada pelo número excedente de reclusos em relação à capacidade da prisão, não sendo possível que o estabelecimento prisional mantenha a segurança e as necessidades físicas e psicológicas de todos os indivíduos (Haney, 2006). Com a sobrelotação não há garantia que todos os reclusos irão ter um espaço adequado para dormir e nem possibilita que todos possam exercer atividades, diminui o acesso à assistência médica e o número de funcionários para a segurança é insuficiente. Para a Organização das Nações Unidas (ONU) os reclusos devem ter na prisão condições de acomodação, com espaço, ventilação, aquecimento e iluminação, cada recluso deve ter acesso a uma cama ou colchão e roupa de cama limpa. A instituição deve fornecer ao recluso as condições adequadas de higiene e saneamento e o recluso deve manter contato com a família e ter acesso à assistência médica. A falta dessas condições na instituição prisional é apontada pela ONU como um problema sério (Awopetu, 2014).

As prisões com sobrelotação proporcionam ao recluso um ambiente de mais estresse, que podem gerar um sentimento de angústia e raiva, devido ao espaço reduzido e conseqüentemente, de maior invasão de seu espaço e da pouca privacidade que os resta, as celas tendem a ter maior movimento e ruído e o número exacerbado de reclusos reduz o acesso às atividades e a assistência, além disso, pode tornar mais difícil a identificação de situações de risco por parte dos funcionários da prisão. Em contrapartida, a sobrelotação pode exercer o papel de proteger os reclusos em casos de suicídio devido ao fato de estarem em constante companhia e observação (Cox et al., 1984; Kruttschnitt & Vuolo, 2007).

Além da sobrelotação, outros fatores como uma gestão problemática, o uso de substâncias e uma cultura implícita de violência contribuem para a associação entre comportamento agressivo e prisão. As condições ambientais aversivas pertinentes às instituições prisionais podem suscitar aos reclusos uma experiência de estresse e com

isso levar a interpretação dos eventos como hostis e provocar o aumento da agressividade. Além de estar associada a menor percepção de bem-estar psicológico, a sobrelotação também é apontada como causa do aumento do sofrimento psicológico. Assim como a sobrelotação, o sofrimento psicológico também é tido como causa da agressão, uma vez que os indivíduos com depressão tendem a ter uma interpretação negativa em relação às interações (Anderson, 2002; 2000; Lepore et al. 1991; Lester, 1991; Logan et al., 2001).

Em um estudo realizado nas penitenciárias na Nigéria sobre as características psicológicas, a maioria dos reclusos revelam condições precárias de alimentação e acomodação, esses reclusos apresentaram sintomas depressivos, pontuando acima da linha de corte nas medidas da psicopatologia. A falta de percepção de bem-estar psicológico reflete nos reclusos através da sensação de insegurança, estresse, raiva, baixa autoestima e solidão (Wooldredge, 1999).

Se em algumas prisões a sobrelotação é uma realidade, em outras a punição ocorre através do isolamento. Nessas situações o recluso não tem a possibilidade de estabelecer contato e ter a percepção de apoio, dificultando a distinção do que é real e impedindo que o mesmo realize testes de realidade social, uma vez que a falta de contato com outros reclusos impossibilita a validação de sua percepção sobre o ambiente. Essa validação e a percepção de apoio social são importantes para o ajustamento do recluso a esse novo contexto. Os efeitos psicológicos nos reclusos dessa forma de isolamento são bastante adversos. Um estudo realizado em uma prisão americana de segurança máxima revelou que os reclusos em isolamento relataram que o confinamento enquanto punição era uma tentativa de “os enlouquecer” (Grassian e Friedman, 1986; Haney, 1993; Haney, 2006).

A experiência da prisão potencializa o sentimento de vulnerabilidade do recluso e conseqüentemente aumenta o nível de sofrimento. No estudo citado anteriormente realizado por Sharkey (2010), as reclusas relatam o sentimento de culpa por estar presa e o impacto desse fato sobre sua família, uma vez que a reclusão impossibilita que elas auxiliem suas famílias na resolução de problemas, dando-lhes a sensação de impotência. O ambiente prisional e os sentimentos de vulnerabilidade e impotência propicia que as experiências de vida das reclusas fossem revividos, o que neste caso pode ser um agravante devido ao fato da maioria das reclusas possuírem um histórico de situações de abuso, negligencia e violência.

### **1.1. Adaptação à prisão**

De acordo com Clemmer (1940 cit. in Paterline & Orr, 2016) todos os reclusos ao adentrarem na prisão tem sua adaptação influenciada pelos “fatores universais da prisão”. Segundo o autor esses fatores preparam o recluso a nova realidade e podem ser identificados como o recluso aceitar um papel inferior, aceitando os regulamentos pertencentes à prisão e adotando uma postura passiva no que se referem as suas necessidades, uma vez, que muitas dessas necessidades passam a ser de responsabilidade da instituição prisional. De acordo com Varella (2012) os estabelecimentos prisionais podem ser definidos como microambientes sociais que são orientados por um código de conduta que é transmitida oralmente e através desse código é possível à previsão de acontecimentos, aqueles que são recém-chegados neste ambiente e ainda não possuem um conhecimento profundo em relação ao seu código e funcionamento, são vistos com cautela por aqueles que estão lá há mais tempo.

Em concordância a essas ideias, Skyles (1958 cit. in Paterline & Orr, 2016) expõem que os reclusos partilham de um sistema de valores em comum que existe em todas as instituições prisionais, independente da localização e características da mesma. O sistema de valores atua como um orientador, um código de comportamento do recluso e das relações que o mesmo estabelece dentro da prisão, ou seja, o sistema de valores representa um guia com as expectativas de comportamento e interações do recluso dentro ambiente prisional.

Ao chegar à prisão, a adaptação do recluso pode ter orientada pelo modelo de privação e pelo modelo de importação. O modelo de privação consiste na teoria que os reclusos ao chegar à instituição terão que se adaptar a privação social e física e ao se encontrem na mesma situação, os reclusos fazem parte de um mesmo coletivo, uma mesma “sociedade”. Essa sociedade é composta de diversos níveis e subculturas e se mostram eficientes aos reclusos para a resolução de seus problemas dentro da prisão, uma vez que essa subcultura é incorporada pelos reclusos e representa um reflexo das angústias da reclusão que é comum a todos. Em contrapartida, o modelo de importação considera que as experiências dos reclusos anteriores à reclusão assim como as características pessoais dos mesmos interferem na assimilação da subcultura na prisão. Dessa forma adoção a subcultura por parte do recluso não se deve apenas a similaridade da privação com os demais, mas sim por outros fatores sócio demográficos tais como idade, escolaridade e ocupação antes da prisão (Alpert, 1979; Irwin, 1970; Irwin e Cressey,

1962; Jensen e Jones, 1976; Kennedy, 1970; Sykes & Messinger, 1960; Schwartz, 1971; Thomas, 1973, 1977b; Thomas e Petersen, 1977; Thomas e Cage, 1977; Tittle, 1972; Wright, 1989 cit. in Paterline & Orr, 2016).

Ao chegar à prisão o recluso passa por um processo de despersonalização que vem a contribuir para a diminuição da autoestima e auto eficácia dos mesmos. A auto eficácia refere-se à percepção do indivíduo sobre ter o controle sobre sua vida e essa percepção tem efeito sobre o comportamento do indivíduo que irá apresentar uma resistência ao imitar o comportamento de outros que visam diminuir sua autenticidade. Ao ter o conhecimento de sua identidade e percepção de ter controle sobre suas ações, o indivíduo tem uma motivação para manter sua conduta de acordo com seus valores e possuem menor probabilidade de pertencer a subcultura da prisão (Bandura, 1977, 1982; Gecas, 1986; Gecas & Schwalbe, 1983).

No que se refere a esse período de adaptação do recluso a essa nova realidade, a fase inicial representa ao recluso o período de maior estresse. Em um estudo realizado com 269 reclusos por Wormith (1984 cit. in Gullone & Jones, 2015) com o objetivo de investigar os efeitos em longo prazo da prisão, se observou que o recluso passava pelo estresse nesse período inicial e com o aumento no tempo na prisão demonstrava uma maior adaptação a essa realidade. Além do aumento do tempo na prisão, a adaptação também está associada à identificação do recluso com os demais, podendo resultar no aumento de autoestima e maior ajuste psicológico.

No estudo realizado por Gullone e Jones (2015) com o objetivo de comparar os estilos de *coping* utilizados pelos reclusos e a influência desses estilos no bem-estar, verificou-se que os reclusos que estavam cumprindo pena há menos de 18 meses relataram que a experiência mais negativa ocasionada pela prisão deve-se a perda das relações com a família e com os amigos que permaneciam fora. Em relação aos estilos de *coping* para o enfrentamento dos problemas dentro da instituição, grande parte dos reclusos relata que preferem resolvê-los por conta própria, não havendo evidências de um comportamento desadaptativo.

Segundo Zamble e Porporino (1990 cit. in Gullone & Jones, 2015), entender os estilos de coping dos reclusos auxilia na compreensão da percepção do bem-estar e se fatores como o tempo na prisão e o período da sentença influenciam no estilo de enfrentamento adotado e conseqüentemente no bem-estar. No referido estudo realizado por Gullone e Jones (2015) constatou-se que os reclusos que adotaram a estratégia de *coping* com foco na emoção apresentam menor índice de depressão e

ansiedade enquanto os que adotam a estratégia de coping focado no enfrentamento do problema apresentam resultados positivos em relação à autoestima. Os resultados do citado estudo ao ser comparado com uma amostra normativa ressaltou que os reclusos apresentaram maior condição de ansiedade e depressão e menor índice de qualidade de vida e autoestima e, como consequência, os reclusos apresentam um comprometimento no bem-estar psicológico.

## **2. Fatores relacionados com percepção de satisfação**

### **2.1. Bem-estar**

A Organização Mundial de Saúde (1948) define saúde não somente como a ausência de doença, mas sim ao perfeito bem-estar físico, mental e social, o que reflete a relevância atribuída ao bem-estar na vida do indivíduo.

Bem-estar trata-se de um conceito polissêmico (Averill & More 1993 cit. in Santana & Gondim 2016), cujo significado pode ser interpretado sob diferentes perspectivas de acordo com o contexto, é percebido pelo indivíduo de acordo com sua história de vida e seu significado se ganha diferentes interpretações (Miller, 2005).

De modo geral, bem-estar pode ser considerado como um modo de vida orientado para melhorar a saúde física e psicológica, considerando a integração holística de corpo, mente e espírito com o objetivo de uma plenitude de vida tanto no âmbito individual como no social (Myers et al., 2000). De acordo com Dumm (1961 cit. in Miller, 2005), bem estar pode ser definido como: “um método integrado de funcionamento, orientado para maximizar o potencial de qual o indivíduo é capaz. Requer que o indivíduo mantenha um continuum de equilíbrio e direção intencional dentro do ambiente em que ele está trabalhando”.

O bem-estar é um tema importante ao indivíduo enquanto cidadão comum como também nas relações que ele estabelece, enquanto ele influencia e sofre influência do contexto em que se insere. Dessa forma também se torna um tema central na esfera política e social, uma vez que as decisões tomadas pelos governantes refletem na vida do cidadão e consequentemente na sociedade com um todo. O político e aristocrata francês Alexis Tocqueville (1805 – 1859) descreve na sua obra *Democracy in América* que o bem-estar era atribuído pelas sociedades democráticas da época enquanto o bem-estar material, visando à satisfação imediata. Sob essa ótica, o bem-estar estaria ligado

à dimensão material e não a objetivos mais intrínsecos, como satisfação e felicidade, e que fazem parte da perspectiva teórica do bem-estar que mais se inserem no domínio da psicologia, como o bem-estar subjetivo, bem-estar pessoal e bem-estar social (Novo, 2005).

O conceito de bem-estar subjetivo pode ser analisado sob a perspectiva hedónica, no nível de felicidade e satisfação, identificando as condições sócio demográficas (Novo 2005). Segundo Diener (2000) o bem-estar subjetivo possui como principais indicadores a satisfação com a vida e a felicidade. Considera, portanto, a busca do indivíduo pelo prazer, baseando-se na avaliação pessoal do indivíduo sobre sua satisfação com a vida e a frequência com que experimenta as emoções positivas e negativas no seu cotidiano (Albuquerque & Tróccoli, 2004; Diener et al., 2003; Diener et al., 1999; Keyes et al., 2002).

Essa teoria tem sua base empírica construída a partir dos anos 60 e possui como foco a vertente emocional, onde se valoriza a felicidade enquanto uma motivação e que é vivida e interiorizada por cada indivíduo de acordo com a época vigente (Novo, 2005). O bem-estar subjetivo engloba aspectos cognitivos e emocionais como o afeto, a crença de auto eficácia, a competência emocional e intelectual e adaptação (Diener et al., 1999).

O bem-estar psicológico relaciona-se à auto realização e busca pelo propósito de vida. Este conceito pode ser descrito na perspectiva eudaimônica e baseia-se, sobretudo no pensamento aristotélico na felicidade enquanto “*a atividade da alma dirigida pela virtude*” (p. 184) e realização do verdadeiro self e tem seu desenvolvimento de constructo no fim da década de 80 (Novo, 2005). Essa perspectiva entende o bem-estar enquanto a busca do indivíduo pela felicidade, através do seu desenvolvimento humano e de suas potencialidades (Delle Fave *et al.*, 2013), onde a felicidade é um produto de desenvolvimento e realização e não um objetivo de vida (Ryff, 1989).

O bem-estar psicológico associa-se a vivência de mais afetos positivos do que negativos, que pode ser considerado através do modelo estrutural do funcionamento psicológico positivo de Ryff e Singer (2008). Esse modelo é constituído por seis domínios, que segundo Ryff (2017) compõe o funcionamento humano ideal. Esses domínios são:

- 1) Auto aceitação;
- 2) Relações positivas com os outros,
- 3) Autonomia,

- 4) Domínio ambiental,
- 5) Objetivos de vida; e
- 6) Crescimento pessoal.

O conceito de bem-estar psicológico possui um aspecto amplo e manifesta o desenvolvimento de um conjunto de dimensões da percepção individual e interpessoal, considerando o indivíduo sob a análise do passado, o envolvimento do mesmo no presente e a sua mobilização o futuro (Novo, 2005).

Também sob a perspectiva da eudaimonia insere-se o bem-estar social, que considera o indivíduo enquanto ser social com responsabilidades e direitos. Esse constructo vai além do âmbito privado e individual, considerando o indivíduo pertencente ao domínio público e que desempenha funções sociais. Neste contexto, busca-se compreender como o indivíduo percebe suas relações com os demais e a satisfação proporcionada por essas relações (Novo, 2005).

Segundo Keys (1998) a identificação da satisfação social é possível através de cinco dimensões: integração social, contribuição social, coerência social, aceitação social e realização social. De acordo com o autor, tais dimensões são os desafios enfrentados pelo indivíduo enquanto um ser social e nas relações do mesmo com a sociedade.

Através dessas três perspectivas de satisfação e felicidade é possível compreender o conceito de bem-estar enquanto um modelo integrado que possibilita ao indivíduo uma percepção sobre si, sobre os demais e sobre o contexto, desse modo, considerando os diversos aspectos psicológicos do indivíduo e assim construindo uma relação que será a base subjetiva e psicológica representada pelo bem-estar (Keys & Magyar-Moe, 2003 cit. in Novo, 2005). Esse modelo é constituído por duas vertentes, uma que preza pela vitalidade emocional e outra que foca na adaptação e desenvolvimento. A primeira vertente, que compreende o bem-estar emocional, possui como característica a busca pelo equilíbrio emocional, sentimento e equilíbrio dos afetos positivos sobre os negativos, já na segunda vertente o foco recai sobre o desenvolvimento do indivíduo e na capacidade do mesmo em adaptar-se, tanto no âmbito individual, através da identificação do funcionamento positivo do *self*, como no âmbito social, que pode ser medida pela capacidade do indivíduo em desempenhar seu papel social.

De acordo com Ryff (2017) algumas pesquisas relacionam a percepção do bem-estar à melhoria na saúde dos indivíduos, comparando as perspectivas da hedônica e eudaimônica, Fredrickson et al. (2013) destaca que o alto bem-estar eudaimônico está

associado à baixa regulação da Resposta Transicional Conservada à Adversidade (CTRA), com isso ocorre à diminuição da expressão de pró-inflamatórios e o aumento da expressão dos genes da síntese de anticorpos. Outra pesquisa realizada por Cole et al. (2015) descreve a relação entre o bem-estar eudaimônico e a solidão, apontando os riscos do isolamento social. De acordo com esse estudo, os reclusos que são punidos com o isolamento tendem a apresentar menor bem-estar devido à redução da percepção de um propósito de vida. Já alguns estudos relacionam a relação entre a idade e a percepção do bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico, que apontam que com o aumento da idade ocorre o declínio do bem-estar psicológico e o aumento do bem-estar subjetivo (Gana et al., 2013; Stone et al., 2010).

Aceder aos benefícios da percepção do bem-estar para a saúde, bem como as características que interferem nessa percepção são importantes para a iniciativa e incentivo de propostas que visem à promoção de bem-estar e principalmente ao tema desse trabalho que busca compreender acerca da percepção de bem-estar em um contexto desfavorável tal como são as prisões, uma vez que a “cadeia é um lugar povoado de maldade”, conforme descreve Varella (2012, p.84)

.

## **2.2. Satisfação, bem estar e a percepção de suporte social**

Outro fator que contribui para o aumento do bem-estar subjetivo é a percepção de apoio social, assim como há relatos de maior sentimento de felicidade e satisfação em pessoas casadas quando comparadas a pessoas divorciadas ou que nunca se casaram. Há ainda indícios que pessoas que relatam o aumento de bem-estar subjetivo tendem a ter mais sucesso nos relacionamentos (Myers, 2000; Lyubomirsky et al., 2005).

De acordo com Ribeiro (1999) o suporte social exerce um papel protetor em situações adversas, considerando que há uma relação direta entre a satisfação com o suporte social percebido e a elevação da percepção de qualidade de vida. De acordo com Rodin e Salovey (1989), em situações de crise o suporte social reduz o estresse e auxilia o indivíduo na recuperação de doenças.

O suporte social pode ser percebido pelo indivíduo através da demonstração de preocupação dos demais com ele e disponibilidade em lhe prestarem ajuda quando é necessário. Logo, pode de ser compreendido através das indicações ao indivíduo de que ele é amado, valorizado e pertencente a um grupo. O suporte social pode ser de origem informal ou formal. O suporte social informal é o apoio que o sujeito recebe em suas

atividades diárias, fornecidas por indivíduos, como familiares e amigos, ou grupos sociais, como igreja, por exemplo. O suporte social formal refere-se à assistência obtida através de organizações formais, como hospitais e programas oferecidos pelo governo, e por profissionais, como médicos e psicólogos (Cobb, 1976, Dunst & Trivette, 1990, Sarason et al., 1983 cit. in Ribeiro, 1999).

De acordo com Singer e Lord (1984, cit. in Ribeiro, 1999), a relação entre a saúde e o suporte social podem ser compreendidos considerando as seguintes categorias: o suporte social protege contra as consequências do estresse, a falta de suporte social gera estresse, a perda de suporte social é a causa de estresse e o suporte social é fonte de benefícios, pois a percepção do suporte social favorece que o indivíduo sinta-se mais forte e melhor preparado para enfrentar as adversidades.

### **2.3. A prisão e a saúde dos reclusos**

A experiência da reclusão é extremamente desagradável e irá refletir na saúde do indivíduo condenado. Ao se comparar os reclusos com a população em geral, verifica-se que estes apresentam maior propensão à ansiedade e depressão (Cooper e Livingston, 1991 cit. in Cooper & Berwick, 2001). As características ambientais da instituição prisional amplificam as vivências dos indivíduos, considerando a teoria de Hassles, é possível afirmar que os pequenos contratempos vividos pelos reclusos tomam proporções muito maiores, o que resultará em mudanças negativas no humor (Kanner et al., 1981).

No que se refere à saúde física, há alguns fatores preocupantes quando se analisa o cotidiano dos reclusos. Além de maus hábitos como a bebida e o tabaco, as maiorias dos reclusos não possuem histórico de assistência médica antes da vida na prisão. Além da maior probabilidade de desenvolver doenças mentais como citado anteriormente, também são comuns doenças como diabetes, asma, dependência em drogas e álcool e doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana (HM Prison Service, 2002; Dale e Woods, 2002).

O uso de substâncias representa ao recluso uma fuga da realidade do seu cotidiano na prisão (Varella 2012, p.75) ou um meio de se inserir aos demais (Roberts, 2003 cit. in Stewart, 2007). O uso da maconha é realidade de muitos reclusos, enquanto os mais viciados já fumam o cigarro logo pela manhã, os mais controlados utilizam a erva para auxiliar no sono e aliviar as angústias. Já a cocaína traz maiores consequências por ser

uma droga de uso compulsivo, cujo prazer no início do seu uso é substituído por sintomas mais graves como paranoia persecutória, perfuração do septo nasal, dores intensas na face, além do desfalque financeiro (Varella, 2012, p. 75).

Segundo o BMA (British Medical Association, 2004 cit. in Stewart 2007) o uso abusivo de substâncias eleva a incidência de doenças mentais no recluso. Um dos motivos que podem levar ao uso de drogas no contexto prisional é a vulnerabilidade que os reclusos vivem e a dificuldade de adaptação a esse contexto. Essa nova realidade é percebida pelos reclusos elevando a taxa de adoecimento em oito vezes acima que a população geral, sendo que 10% dos reclusos alegam adoecer todos os dias.

#### **2.4. A influência da idade dos reclusos**

Quando se compara a idade dos reclusos e a satisfação com as instituições prisionais, os reclusos mais velhos são os que apresentam maior índice de satisfação, se adaptam mais facilmente à monotonia da rotina na prisão e aceitam com mais naturalidade o seu destino (Molleman & Leeuw, 2011).

No que se refere às questões familiares e rede de apoio, os reclusos idosos são os que apresentam maior probabilidade de manter essa rede de forma íntegra, sendo aqueles que apresentam maior índice de telefonemas, cartas e visitas dentro da prisão quando comparados aos demais reclusos. As pessoas com idade superior a 50 anos são menos propensas ao crime e quando o cometem, no geral possuem condenação mais branda do que os homens mais jovens. Em casos de assaltos ou furtos por exemplos, ganham liberdade condicional mais facilmente ou são enviados para o tratamento do comportamento desviante. Esse índice também pode ser menor pelo fato da família do idoso encobrir o desvio e ainda o fato do idoso apresentar limitações físicas que venham a impossibilitar o mesmo a cometer determinados crimes. Em relação às condições ambientais que podem influenciar o comportamento criminoso em idosos pode ser destacar que estes tendem a ser mais pobres, com menos instrução e inclusão na sociedade (Bergman & Amir 1973; Gallagher, 1988 cit in Gallagher 2001).

Dentro da instituição criminal, os reclusos idosos possuem mais vantagens em relação aos demais, recebendo inclusive melhores oportunidades de emprego dentro da prisão. Alguns reclusos idosos tiveram acesso à reforma e com isso conseguiram acumular uma poupança enquanto estavam na prisão. Muitos não apresentam perspectiva de vida fora da instituição, uma vez que a prisão propicia-lhes um teto, alimentação e assistência

médica garantida, porém, a prisão não oferece um ambiente que se adapta ao envelhecimento, na medida em que os reclusos envelhecem e se torna mais frágil e mais suscetível a doença. Desse modo, uma instituição prisional projetada segundo o modelo social que assegura as questões de saúde, emprego, moradia e rede de apoio apresentaria maior impacto na percepção de bem-estar dos reclusos idosos (Gallagher, 2001).

## **2.5. As relações dentro da prisão**

O compartilhamento de celas proporciona companhia ao recluso, e se por um lado este tem sua privacidade reduzida, pode-se considerar que o recluso que possui um colega de cela também conta com um apoio social e menor sensação de isolamento. Em estudo realizado nas prisões holandesas acerca do compartilhamento de celas verificou-se que a princípio esse compartilhamento foi percebido de forma negativa pelos reclusos, ocasionando uma redução na qualidade de vida percebida pelos mesmos. Os resultados apontam que 3 em cada 10 mulheres participantes da pesquisa relataram que dividir a cela com outra reclusa gerava maior estresse, mesmo quando compartilhava a cela com uma pessoa mais próxima. Além disso, observou-se o compartilhamento de celas mostrou-se prejudicial às relações entre reclusos e os funcionários da prisão e um dos motivos deve-se ao fato do recluso passar a ter maior interação com o colega de cela do que com os agentes da prisão (Molleman & Ginneke, 2014). De acordo com Sykes (1958 cit. in Molleman & Ginneke, 2014) esse distanciamento entre os reclusos e os funcionários da prisão também ocorrem devido à dificuldade que alguns indivíduos em relatarem e discutirem os seus problemas na presença de um companheiro de cela.

A divisão de celas com outros e, conseqüentemente o distanciamento da relação com os funcionários da prisão proporcionam ao recluso uma menor percepção de bem-estar. A qualidade da relação entre recluso e o *staff* demonstrou ser um indicador significativo na qualidade de vida nas instituições prisionais (Liebling, 2004; Liebling et al., 2011, cit. in Molleman & Ginneke, 2014).

A partir desses resultados, Molleman e Ginneke (2014) sugerem que o mais adequado é que os reclusos permanecessem sozinhos em suas celas para que fosse possível uma melhor relação dos mesmos com os funcionários e conseqüentemente, uma maior percepção de qualidade de vida durante a reclusão. Segundo Roth (1985 cit. in

Molleman & Leeuw, 2011) alguns fatores, como o humor, por exemplo, influenciam o modo como os funcionários da prisão irão se relacionar com os reclusos, podendo adotar uma postura voltada para o suporte ou uma postura voltada para a imposição de regras.

É esperado que o recluso fosse influenciado por suas relações durante o período da reclusão e o apoio recebido dos funcionários será um fator que causará impacto sobre suas atitudes. A princípio essa relação pode ser complexa devido às características das tarefas pertinentes ao cargo dos funcionários da prisão, uma vez que, os funcionários são responsáveis pela segurança e pelo controle da instituição e também devem auxiliar o recluso no desenvolvimento de sua ressocialização (Molleman & Leeuw, 2011).

## **2. Contato com o meio externo**

As visitas aos reclusos também são um fator que apresenta benefícios à percepção de bem-estar, além de representar uma maneira de fortalecer as relações do recluso com o meio exterior, ajudando na manutenção da identidade social do mesmo, possibilitando uma melhora na saúde mental do recluso e ajustamento social que irá favorecer a redução de reincidência. A visita conjugal é outro fator que possui efeito sobre o bem-estar, pois aumenta a proximidade do recluso com a parceira. Além disso, fato de estar em uma relação satisfatória também possui efeito positivo sobre o recluso, resultando na diminuição da sensação de solidão durante a reclusão (Carlson & Cervera, 1991; Casey-Avecedo & Bakken, 2002; Bales & Mears, 2008; Hairston, 1988, 1991; Segrin & Flora, 2001 cit. in De Claire & Dixon, 2015).

As visitas e as cartas proporcionam aos reclusos a manutenção de contato com o mundo externo e auxiliam na redução dos níveis de ansiedade (Cooper & Berwick, 2001).

Um estudo de Sampson, Laub e Wimer, (2006) realizado com cerca de 500 homens demonstra que o casamento representou com um fator que diminuiu em 35% na reincidência. Entre os motivos de o casamento apresentar um papel positivo na reincidência pode se destacar o fato do casamento criar determinadas obrigações e mudanças sociais, além da parceira poder desempenhar uma função de um controle social e por fim a ideia de que o casamento acarretar maior senso de responsabilidade. Por esses motivos torna-se importante a manutenção das relações sociais do recluso.

Em um estudo realizado com reclusos adolescentes demonstrou que as visitas auxiliaram na redução das consequências negativas resultantes da prisão na depressão destes adolescentes. Este estudo apontou que os reclusos que tiveram maior acesso à visita dos pais apresentaram com mais rapidez melhoras dos sintomas do que os que não receberam. A falta de acesso à visita familiar tende a ter consequências emocionais negativas nos reclusos, reduzindo a esperança e prejudicando-os socialmente. Esse cenário pode aumentar as chances de reincidência. Se por um lado são evidentes os benefícios das visitas aos reclusos, é necessário apontar que para as famílias as visitas podem ser um ponto inconveniente na sua rotina. Para alguns familiares as visitas à prisão pode ser problemática e emocionalmente difíceis devido ao ambiente característico da instituição, além disso, à distância, a disponibilidade de tempo e até mesmo problemas de saúde podem se apresentar como fatores que dificultam a regularidade e disponibilidade dos familiares e amigos para as visitas. Torna-se importante que as famílias mantenham-se motivadas para a continuidade das visitas e que as instituições possuam políticas que incentivem e facilitem esse contato das famílias com os reclusos (Dixey & Woodall, 2012; Fuller, 1993; Hairston, 1988 Monahan et al., 2011 cit. in De Claire & Dixon, 2015).

Outro fator relevante a se apontar na relação entre reclusos e seus filhos é o fato de que aqueles que possuem histórico familiar de reclusão podem apresentar maior propensão a um comportamento desviante. As famílias chefiadas por reclusos tendem a apresentar maior índice de pobreza, de uso de substâncias e de violência doméstica, ou seja, as crianças que possuem pais que estão ou estiveram na prisão em algum momento da vida possuem maior probabilidade de se envolver em problemas com autoridades futuramente quando comparadas com as demais crianças. Desse modo, as famílias com reclusos podem apresentar maior risco a segurança e bem-estar. Em relação ao histórico familiar, adultos que apresentam problemas com autoridades quando comparados com a população em geral possuem maior possibilidade de possuírem um histórico de negligência, de violência doméstica e de abuso de substância química (Attala, Bauza, & Pratt, 1995; Cox et al., 2001; Kelleher et al., 1994; Miller, Smyth & Mudar, 1997; Mumola, 1999; Semidei, Radel & Nolan, 2001; Van de Mark et al., 2005).

### **3.1. Atividades na prisão**

De acordo com Cooper e Berwick (2001), participar de atividades na prisão auxilia na diminuição da ansiedade e os reclusos que estão inseridos nessas atividades apresentam menor taxa de pressão quando comparados com os reclusos que não participam.

O acesso à educação nos estabelecimentos prisionais também viabiliza a ressignificação desse contexto ao recluso, uma vez que, o processo de ensino dentro de um ambiente de repressão possibilita ao indivíduo a manutenção de sua identidade e cidadania. Através da escola na prisão os reclusos podem ter maior oportunidade de interagir com os demais, o que permite o aumento da sua rede de apoio e relações e, conseqüentemente, permite uma melhor qualidade de vida (Campos, 2015; Cardoso, 2013; Carvalho, 2014; Julião, 2009; Onofre, 2002; Vieira, 2008; Serrado Júnior, 2009 cit. in Onofre, 2015).

O acesso aos cursos educacionais também permite ao recluso a aprendizagem de uma nova profissão que poderá ser exercida após a sua saída da prisão. Com isso pode tornar mais fácil ao indivíduo se reestabelecer enquanto cidadão e reduzir a ocorrência de reincidência. Por meio dos cursos oferecidos na prisão, o recluso pode também se manter atualizado com o que acontece no mundo exterior, uma vez que muitos deles possuem penas longas a serem cumpridas, que os manterão afastados dos avanços da sociedade (Li 2018 cit. in Hernandez 2019).

A prisão apresenta-se como um contexto bastante diferenciado ao educador, uma vez que é regido por regras específicas e estigmatizado pela violência. Esse ambiente traz insegurança aos educadores, sejam eles experientes ou não, e torna-se necessário que estes estejam familiarizados com as características do cenário prisional. Na prisão o papel do professor enquanto um agente de mudança ganha maior significado, uma vez que o professor também representa um elo entre o recluso e o mundo externo. O aprendizado também permite ao recluso maior independência, pois muitos dependem de outros para ler e escrever, o que pode desenvolver uma relação de submissão entre os reclusos. Logo a educação no sistema prisional permite que o recluso saia do isolamento e lhe proporciona maior sensação de liberdade (Onofre, 2015, 2016). Esse resgate da cidadania e identidade personifica o indivíduo que deixa de ser apenas um número de matrícula, permitindo a escuta de pessoas que são silenciadas pelos regulamentos da instituição prisional (Onofre, 2015).

O resultado que podem ser obtidos na prisão a partir da educação vai ao encontro do que idealiza Freire (1967, p. 56), que expõe que a educação tem como objetivo ajudar o indivíduo a se ajudar, tornando-o seu próprio agente de recuperação e possibilitando que o mesmo adote um pensamento crítico frente aos seus problemas.

O envolvimento dos reclusos em atividade nas prisões permite que estes assumam um papel que lhes permitem questionar, motivando-os a participar ativamente de sua gestão e não somente da sua pena. Com isso, os reclusos assumem certo controle sobre sua vida na instituição e passa a se beneficiar dos espaços e recursos disponíveis, e dessa forma alivia-se a tensão disciplinar da instituição. Um exemplo dessas atividades ocorre em um Estabelecimento Prisional de Paços de Ferreira, um grupo musical denominado Contratempo é formado por reclusos. Para fazer parte é necessário que o recluso tenha conhecimento em instrumentos musicais e capacidade de trabalhar em grupo. A participação na banda permite que os reclusos tenham uma rotina diferenciada devido às horas de ensaio, que utilizem de outros espaços e que visitem outras instituições para apresentações, esses momentos aliviam a pressão da rotina prisional (Maciel et al. 2017).

As atividades educacionais nas prisões fornece ao recluso o reconhecimento de sua identidade e cidadania através da aquisição de conhecimento o que proporciona uma melhor expectativa em relação a sua saída da prisão, uma vez que esse retorno ao mundo externo é bastante desafiador após a reclusão (Hernandez 2019). A integração do recluso na sociedade é carregada de preconceito, principalmente no mercado de trabalho. Eles carregam o estigma da prisão que faz com que pedidos de emprego e moradia sejam negados (Simmons Staff, 2016 cit in Hernandez 2019). Esse contexto carrega diversos fatores que podem conduzir o recluso a uma reincidência, como o desemprego, o uso de drogas e álcool e dificuldade em adaptar-se a liberdade condicional (Li 2018 cit. in Hernandez, 2019).

Um estudo sobre educação na prisão realizada por Davis et al. (2013) e patrocinada pelo Departamento de Justiça americano aponta uma redução de 43% de reincidência em reclusos que participaram de programas educacionais quando comparados àqueles que não participaram. Na Inglaterra e País de Gales, os resultados de um estudo com 3085 reclusos demonstram que houve uma diminuição de dois terços de reincidência nos reclusos que participaram de atividades educativas (Czerniawski, 2016).

## 4. Reincidência

O retorno do recluso para a sociedade é um momento que costuma ser difícil e alguns fatores como as características do indivíduo, o cenário social no qual ele faz parte, incluindo sua família e comunidade e as políticas sociais disponíveis. O recluso carrega as experiências de violência da prisão que afetam a saúde mental e podem vir a dificultar a reintegração na sociedade. A reintegração social refere-se a uma relação igualitária entre prisão e sociedade, dando a oportunidade aos reclusos de estabelecerem uma identificação enquanto parte integrante da sociedade após sua saída da prisão. Compreender esses fatores que cercam a transição do recluso para casa é importante para evitar a reincidência, como o apoio fornecido pela família e amigos, por exemplo, que pode representar uma barreira ao abuso de álcool e drogas (Ciapessoni, 2019; Visher e Travis, 2003).

A vitimização sofrida por alguns reclusos dentro da prisão é um fator que pode vir a prejudicar a reintegração devido à instabilidade que pode causar ao indivíduo. Os reclusos que são vítimas de episódios de abuso sexual, por exemplo, podem apresentar propensão à ansiedade, estresse e depressão. A capacidade do indivíduo em enfrentar essas consequências pode não ser suficiente e a falta de apoio da instituição podem causar danos psicológicos (Rocheleau, 2015).

Um estudo elaborado com mais de 1600 reclusos recém-libertos realizado por Listwan et al. (2010) avaliou as consequências psicológicas no recluso resultante da coerção durante a prisão e os efeitos do apoio social recebido na liberação. Esse estudo possui como orientação a ideia que as experiências de coerção vividas dentro da prisão, como a vitimização, por exemplo, aumentam os sintomas de estresse pós-traumático dos reclusos, enquanto a percepção de apoio social auxilia na redução desses sintomas (Cullen, 1994 cit. in Ciapessoni, 2019). Esse estudo evidencia a prisão enquanto um ambiente estressante e fonte de prováveis danos psicológicos ao recluso, nesse cenário, quanto mais extensa a rede de apoio social disponível ao indivíduo maior será a percepção de bem-estar deste e a maior possibilidade de ocorrência bem-sucedida de reintegração (Listwan et al., 2010).

Apesar do resultado positivo do suporte social, é incerto que o recluso receberá o apoio social necessário em seu processo de reintegração na sociedade, além disso, os reclusos carregam os efeitos colaterais da prisão que afetam a sua saúde e seu bem-estar

psicológico, resultando, por exemplo, na ocorrência de depressão, ansiedade e estresse, que podem levar ao uso abusivo de substâncias. Essas circunstâncias podem levar ao recluso a continuar vivendo em situações de abuso e violência, o que tende a diminuir a chance de uma reintegração bem sucedida desse indivíduo com o meio social (Flannery, 2006; Huey, 2010; Listwan et al., 2012 cit. in Ciapessoni, 2019).

A falta de opção de moradia após a saída da prisão faz com que o indivíduo retorne a bairros violentos e com alta taxa de criminalidade que pode facilitar o retorno deste ao crime (Roman, 2004; Meatraux e Culhane, 2006). Após sair do estabelecimento prisional, o indivíduo carrega o estigma de ser um ex-recluso, além de apresentar falta de autonomia, baixa autoestima, carência de relações sociais, danos emocionais e problemas de saúde, e como consequência dessa situação, o indivíduo pode manter isolamento social (Roman, 2004; Herbert et al., 2015; Arditti, 2003; Foster e Hagan, 2012; Baldry et al., 2003).

## Referências Bibliográficas

- Anderson, K. L. (2002). Perpetrator or victim? Relationships between intimate partner violence and well-being. *Journal of Marriage and Family*, 64(4), 851-863.
- Alves, J., & Maia, Â. (2010). Experiências adversas durante a infância e comportamentos de risco para a saúde em mulheres reclusas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11(1), 151-171.
- Albuquerque, A. S., & Tróccoli, T. B. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 153-164.  
<http://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008>
- Arditti, J. A. (2003). Locked doors and glass walls: Family visiting at a local jail. *Journal of Loss & Trauma*, 8(2), 115-138.
- Attala, J. M., Bauza, K., Pratt, H., & Vieira, D. (1995). Integrative review of effects on children of witnessing domestic violence. *Issues in comprehensive pediatric nursing*, 18(3), 163-172.
- Awopetu, R. G. (2014). Influence of demographic variables and prison overcrowding on psychological well-being of prison inmates in South-West, Nigeria. *Nigerian Journal of Applied Behavioural Sciences*, 2(June), 204-214.
- Baldry, E., McDonnell, D., Maplestone, P., & Peeters, M. (2003). Australian prisoners' post-release housing. *Current Issues in Criminal Justice*, 15(2), 155-169.
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review* 84:191–215.
- Bandura, A. (1982). Self-efficacy mechanisms in human agency. *American Psychologists* 37:122–47.
- Barcinski, M., & Cúnico, S. D. (2014). Os efeitos (in) visibilizadores do cárcere: as contradições do sistema prisional. *Psicologia*, 28(2), 63-70.
- Barth, T. (2012). Relationships and sexuality of imprisoned men in the German penal system—a survey of inmates in a Berlin prison. *International journal of law and psychiatry*, 35(3), 153-158.
- Ciapessoni, Fiorella. (2019). La prisión y después. Violencia, reingreso y situación de calle. *Revista de Ciencias Sociales*, 32(45), 15-38. Epub 01 de diciembre de 2019.
- Cole, S. W., Levine, M. E., Arevalo, J. M., Ma, J., Weir, D. R., & Crimmins, E. M. (2015). Loneliness, eudaimonia, and the human conserved transcriptional response to adversity. *Psychoneuroendocrinology*, 62,11-17.  
<https://doi.org/10.1016/j.psyneuen.2015.07.001>

- Cooper, C., & Berwick, S. (2001). Factors affecting psychological well-being of three groups of suicide-prone prisoners. *Current Psychology, 20*(2), 169-182. <https://doi.org/10.1007/s12144-001-1025-0>
- Cox, V. C., Paulus, P. B., & McCain, G. (1984). Prison crowding research: The relevance for prison housing standards and a general approach regarding crowding phenomena. *American Psychologist, 39*(10), 1148.
- Cox, J. F., Morschauser, P. C., Banks, S., & Stone, J. L. (2001). A five-year population study of persons involved in the mental health and local correctional systems: Implications for service planning. *The Journal of Behavioral Health Services & Research, 28*(2), 177-187.
- Czerniawski, G. (2016). A race to the bottom—prison education and the English and Welsh policy context. *Journal of Education Policy, 31*(2), 198-212.
- Dale, C., & Woods, P. (2001). *Caring for Prisoners: RCN Prison Nurses Forum Roles and Boundaries Project*. Royal College of Nursing.
- Davis, L. M., Bozick, R., Steele, J. L., Saunders, J., & Miles, J. N. (2013). *Evaluating the effectiveness of correctional education: A meta-analysis of programs that provide education to incarcerated adults*. Rand Corporation.
- De Claire, K., & Dixon, L. (2017). The effects of prison visits from family members on prisoners' well-being, prison rule breaking, and recidivism: A review of research since 1991. *Trauma, Violence, & Abuse, 18*(2), 185-199.
- Delle Fave, A., Brdar, I., Freire, T., Vella-Brodrick, D., & Wissing, M. (2011). The eudaimonic and hedonic components of happiness: qualitative and quantitative findings. *Social Indicators Research, 100*(2), 185- 207. <http://doi.org/10.1007/s11205-010-9632-5>
- Department of Health (2001) *The National Strategy for Sexual Health and HIV*, London: Department of Health.
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American psychologist, 55*(1), 34.
- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R. E. (2003). Personality, culture, and subjective well-being: emotional and cognitive evaluations of life. *Annual Review of Psychology, 54*, 403-425. <http://doi.org/10.1146/annurev.psych.54.101601.145056>
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: three decades of progress. *Psychological Bulletin, 125*(2), 276-302. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.125.2.276>
- Flores, N., Portugal, M., & Smeha, L. N. (2019). Mães presas, filhos desamparados: maternidade e relações interpessoais na prisão. *Physis: Revista de Saúde Coletiva, 28*, e280420.

- Foster, H., & Hagan, J. (2007). Incarceration and intergenerational social exclusion. *Social Problems*, 54(4), 399-433.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Editora Vozes.
- Fredrickson, B. L., Grewen, K. M., Coffey, K. A., Algoe, S. B., Firestone, A. M., Arevalo, J. M., ... & Cole, S. W. (2013). A functional genomic perspective on human well-being. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 110(33), 13684-13689.
- Freire, P. (2014). *Educação como prática da liberdade*. Editora Paz e Terra.
- Friedman, E. M., Ruini, C., Foy, R., Jaros, L., Sampson, H., & Ryff, C. D. (2017). Lighten UP! A community-based group intervention to promote psychological well-being in older adults. *Aging & mental health*, 21(2), 199-205.
- Gallagher, E. M. (2001). Elders in prison: Health and well-being of older inmates. *International Journal of Law and Psychiatry*, 2(24), 325-333.
- Gana, K., Bailly, N., Saada, Y., Joulain, M., & Alaphilippe, D. (2013). Does life satisfaction change in old age: Results from an 8-year longitudinal study. *Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 68(4), 540-552. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbs093>
- Gecas, V. (1982). The self-concept. *Annual Review of Sociology* 8:103-12. <https://doi.org/10.1146/annurev.so.08.080182.000245>
- Gecas, V., and Schwalbe, M. L. (1983). Beyond the looking-glass self: Social structure and efficacy-based self-esteem. *Social Psychology Quarterly* 46(2):77-88.
- Gullone, E., Jones, T., & Cummins, R. (2000). Coping styles and prison experience as predictors of psychological well-being in male prisoners. *Psychiatry, psychology and law*, 7(2), 170-181. <http://doi.org/10.1080/13218710009524983>
- Grassian, S., & Friedman, N. (1986). Effects of sensory deprivation in psychiatric seclusion and solitary confinement. *International journal of law and psychiatry*, 8(1), 49-65.
- Haney, C. (2003). Mental health issues in long-term solitary and “supermax” confinement. *Crime & Delinquency*, 49(1), 124-156.
- Haney, C. (2006). The wages of prison overcrowding: Harmful psychological consequences and dysfunctional correctional reactions. *Wash. UJL & Pol’y*, 22, 265
- Haney, C., Banks, C., & Zimbardo, P. (1972). Interpersonal Dynamics in a Simulated Prison, 1 Int'l J. *Criminology & Penology*, 69, 80.
- Herbert, C. W., Morenoff, J. D., & Harding, D. J. (2015). Homelessness and housing insecurity among former prisoners. *RSF: The Russell Sage Foundation Journal of the Social Sciences*, 1(2), 44-79.

- Hernandez, S. (2019). Implementing Educational Courses on Social Media Within Prisons to Decrease Unemployment Rates Among Ex-Prisoners and Reduce Recidivism in the United States. *All Regis University Theses*.
- Kanner, A. D., Coyne, J. C., Schaefer, C., & Lazarus, R. S. (1981). Comparison of two modes of stress measurement: Daily hassles and uplifts versus major life events. *Journal of behavioral medicine*, 4(1), 1-39.
- Keyes, C. L. M. (1998). Social well-being. *Social psychology quarterly*, 121-140.
- Keyes, C. L. M., Shmotkin, D., & Ryff, C. D. (2002). Optimizing well-being: the empirical encounter of two traditions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82(6), 1007-1022. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.82.6.1007>
- Kelleher, K., Chaffin, M., Hollenberg, J., & Fischer, E. (1994). Alcohol and drug disorders among physically abusive and neglectful parents in a community-based sample. *American Journal of Public Health*, 84(10), 1586-1590.
- Kruttschnitt, C., & Vuolo, M. (2007). The cultural context of women prisoners' mental health: A comparison of two prison systems. *Punishment & Society*, 9(2), 115-150.
- Lawrence, C., & Andrews, K. (2004). The influence of perceived prison crowding on male inmates' perception of aggressive events. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 30(4), 273-283.
- Lepore, S. J., Evans, G. W., & Schneider, M. L. (1991). Dynamic role of social support in the link between chronic stress and psychological distress. *Journal of personality and social psychology*, 61(6), 899.
- Lester, D. (1990). Overcrowding in prisons and rates of suicide and homicide. *Perceptual and motor skills*. 71(1), 274.
- Listwan, S.; M. Colvin; D. Hanley y D. Flannery (2010). Victimization, Social Support and Psychological Well-Being: A Study of Recently Released Prisoners. *Criminal Justice and Behavior*, 37(10), 1140-1159.
- Logan, T. K., Walker, R., Staton, M., & Leukefeld, C. (2001). Substance use and intimate violence among incarcerated males. *Journal of family violence*, 16(2), 93-114.
- Lyubomirsky, S., King, L., & Diener, E. (2005). The benefits of frequent positive affect: Does happiness lead to success? *Psychological bulletin*, 131(6), 803 – 855.
- Maciel, D. M. P., & Cunha, M. I. (2017). Prata da Casa: Espaços suspensos, tempos intersticiais e atividades socioculturais na prisão. *Configurações. Revista de sociologia*, (20), 59-73. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.4195>
- Maria, A., Mendes, O. C., Claro, M., Lúcia, M., & Robazzi, C. C. (2014). Burnout in nurses working in Portuguese central prisons and type of employment contract. *La Medicina del lavoro*, 105(3), 214-222.

- Maeyer, M.D (2011). Ter tempo não basta para que alguém se decida a aprender. *Em Aberto*, 24(86).
- Metraux, S., & Culhane, D. P. (2006). Recent incarceration history among a sheltered homeless population. *Crime & Delinquency*, 52(3), 504-517.  
<https://doi.org/10.1177/0011128705283565>
- Miller, B. A., Smyth, N. J., & Mudar, P. J. (1997). Alcohol, drugs, and violence in children's lives. *Recent Developments in Alcoholism*, 13, 357-385.
- Miller, J. W. (2005). "Wellness: The History and Development of a Concept." *Spektrum Freizeit 1*: 84-102
- Molleman, T., & Leeuw, F. L. (2012). The influence of prison staff on inmate conditions: A multilevel approach to staff and inmate surveys. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 18(2), 217-233. <https://doi.org/10.1007/s10610-011-9158-7>
- Molleman, T., & van Ginneken, E. F. (2015). A multilevel analysis of the relationship between cell sharing, staff-prisoner relationships, and prisoners' perceptions of prison quality. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 59(10), 1029-1046. doi: <https://doi.org/10.1177/0306624X14525912>
- Mullings, J. L., Marquart, J. W., & Brewer, V. E. (2000). Assessing the relationship between child sexual abuse and marginal living conditions on HIV/AIDS-related risk behavior among women prisoners. *Child Abuse & Neglect*, 24(5), 677-688.
- Mumola, C. (1999). Substance abuse and treatment: State and Federal prisons 1999 (NCJ 172871). Washington, DC: U.S. Department of Justice, Bureau of Justice Statistics
- Miyamoto, Y., & Krohling, A. (2012). Sistema prisional brasileiro sob a perspectiva de gênero: invisibilidade e desigualdade social da mulher encarcerada. *Revista Direito, Estado e Sociedade*, (40).223-241. <https://doi.org/10.17808/des.40.173>
- Myers, D. (2000). The funds, friends, and faith of happy people. *American Psychologist*, 55(1), 56-67.
- Myers, J. E., Sweeney, T. J., & Witmer, J. M. (2000). The wheel of wellness counseling for wellness: A holistic model for treatment planning. *Journal of Counseling & Development*, 78(3), 251-266. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.2000.tb01906.x>
- Novo, R. (2005). Bem-estar e psicologia: conceitos e propostas de avaliação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 20, 183-203.
- Onofre, E. M. C. (2015). Educação escolar para jovens e adultos em situação de privação de liberdade. *Cadernos CEDES*, 35(96), 239-255.
- Onofre, E. M. C. (2016). A prisão: instituição educativa. *Cadernos CEDES, Campinas*, 36, 43-59.
- Organização Mundial da Saúde (1948, 7 de abril) *Constituição da Organização Mundial da Saúde: documentos básicos*. <https://www.who.int/about/who-we-are/constitution>

- Paterline, B. A., & Orr, D. (2016). Adaptation to prison and inmate self-concept. *Journal of Psychology, 4*(2), 70-79.
- Phillips, S. D., & Dettlaff, A. J. (2009). More than parents in prison: The broader overlap between the criminal justice and child welfare systems. *Journal of Public Child Welfare, 3*(1), 3-22.
- Ribeiro, J. L. P.. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica, 17*(3), 547-558
- Rocheleau, A. M. (2015). Ways of coping and involvement in prison violence. *International journal of offender therapy and comparative criminology, 59*(4), 359–383.
- Rodin, J., & Salovey, P. (1989). Health psychology. *Annual review of psychology, 40*(1), 533-579.
- Roman, C. G. (2004). A roof is not enough: Successful prisoner reintegration requires experimentation and collaboration. *Criminology & Public Policy, 3*(2), 161-168.
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*, 1069-1081. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.1069>
- Ryff, C. D. (2017). Eudaimonic well-being, inequality, and health: Recent findings and future directions. *International review of economics, 64*(2), 159-178.
- Ryff, C. D., & Singer B. H. (2008). Know thyself and become what you are: a eudaimonic approach to psychological well-being. *Journal of Happiness Studies, 9*, 13-39. <http://doi.org/10.1007/s10902-006-9019-0>
- Sampson, R. J., Laub, J. H., & Wimer, C. (2006). Does marriage reduce crime? A counterfactual approach to within-individual causal effects. *Criminology, 44*(3), 465-508.
- Santana, V. S., & Gondim, S. M. G. (2016). Regulação emocional, bem-estar psicológico e bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia (Natal), 21*(1), 58-68. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160007>
- Scartazzini, L., & Borges, L. M. (2018). Condição psicossocial do agente penitenciário: uma revisão teórica. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia, 38*(94), 45-53.
- Segre, M., & Ferraz, F. C. (1997). O conceito de saúde. *Revista de Saúde Pública, 31*(5), 538-542. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000600016>
- Semidei, J., Radel L. F., & Nolan C. (2001). Substance abuse and child welfare: Clear linkages and promising responses. *Child Welfare, 80*, 109–128.
- Seruca, T., & Silva, C. F. (2015). Recidivist criminal behaviour and executive functions: a comparative study. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology, 26*(5), 699-717.

- Sharkey, L. (2010). Does overcrowding in prisons exacerbate the risk of suicide among women prisoners?. *The Howard Journal of Criminal Justice*, 49(2), 111-124. doi: 10.1111/j.1468-2311.2009.00602.x
- Stewart, E. C.(2007). The sexual health and behaviour of male prisoners: the need for research. *The Howard Journal of Criminal Justice*, 2007, 46.1: 43-59.
- Souza, L. K. , & Duarte, M. G. (2013). Amizade e bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 429-436. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000400009>
- Stone, A. A., Schwartz, J. E., Broderick, J. E., & Deaton, A. (2010). A snapshot of the age distribution of psychological well-being in the United States. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 107(22), 9985-9990.
- Teixeira, M. O., & Costa, C. J. (2017). Carreira e bem-estar subjetivo no ensino superior: Determinantes pessoais e situacionais. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 18(1), 19-29.
- Van de Mark, N. R., Russell, L. A., Keefe, M. O., Finkelstein, N., Noether, C. D., & Gampel, J. C. (2005). Children of mothers with histories of substance abuse, mental illness, and trauma. *Journal of Community Psychology*, 33, 445-459.
- Varella, D. (2012). *Carcereiros*. Editora Companhia das Letras.
- Wooldredge, J. D. (1999). Inmate experiences and psychological well-being. *Criminal justice and behavior*, 26(2), 235-250. <http://doi.org/10.1177/0093854899026002005>
- Visher, C. A., & Travis, J. (2003). Transitions from prison to community: Understanding individual pathways. *Annual review of sociology*, 29(1), 89-113.